

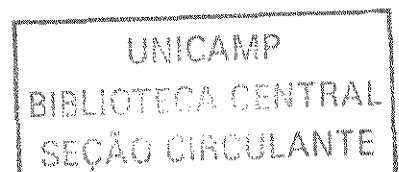
Raynice Geraldine Pereira da Silva

ESTUDO FONOLÓGICO DA LÍNGUA SATERÉ-MAWÉ

Dissertação apresentada ao Curso de  
Linguística do Instituto de Estudos da  
Linguagem da Universidade Estadual de  
Campinas como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em  
Linguística.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucy Seki

UNICAMP  
Instituto de Estudos da Linguagem  
2005



UNICAMP  
Nº CHAMADA 311 UNICAMP  
3138e  
V EX  
TOMBO SCI 63478  
PROC. 16-P-00086-35  
C ☐ D ☒  
PREÇO 11,00  
DATA 05/05/05  
Nº CPD 801-1249620

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

Si38e

Silva, Raynice Geraldine Pereira da.  
Estudo fonológico da língua Sateré-Mawé / Raynice Geraldine Pereira da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientadora: Lucy Seki.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Línguas indígenas. 2. Língua Sateré-Mawé. 3. Fonologia. 4. Índios línguas – Fonologia. I. Seki, Lucy. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

(tjj/iel)

Título: Phonological study of the Sateré-Mawé language.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Indigenous languages; Sateré-Mawé language; Phonology; Índios language - Phonology.

Área de concentração: Línguas indígenas.

Titulação: Mestrado.

Banca examinadora: Prof Dr Angel Humberto Corbera Mori, Prof Dr Frantomé Bezerra Pacheco, Profª Drª Cristina Martins Fargetti (suplente).

Data da defesa: 28/02/2005

**BANCA EXAMINADORA**

Lucy Seki  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucy Seki – Orientadora

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori

Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Martins Fargetti - Suplente

Este exemplar é a redação final da tese  
defendida por Raynise Gualdine

Reina da Silva

e aprovada pela Comissão Julgadora em  
15/04/05.

Lucy Seki

## RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo fonológico da língua Sateré-Mawé, classificada como membro único da família Mawé, tronco lingüístico Tupi. A língua é falada por aproximadamente 8.000 indígenas que habitam a Terra Indígena Andirá-Marau, localizada na divisa dos Estados do Amazonas e do Pará.

O trabalho inclui cinco capítulos, conclusão e bibliografia. O primeiro capítulo é introdutório e contém informações gerais sobre a metodologia de trabalho de campo e o referencial teórico adotado na pesquisa. Ainda neste capítulo é apresentado um apanhado de trabalhos existentes relativos à língua Sateré-Mawé.

O segundo capítulo apresenta informações etnográficas sobre o povo Sateré-Mawé e algumas notas sobre a classificação da língua e sobre sua situação de bilingüismo.

O terceiro capítulo é dedicado à definição dos fonemas e alofones da língua, tendo por base o modelo de análise fonêmica de Pike. Abordamos ainda alguns processos morfofonêmicos que ocorrem em fronteira de morfema e palavra.

O quarto capítulo analisa a estrutura silábica, levando em consideração a hierarquia de sonoridade para a definição dos tipos silábicos e a distribuição dos segmentos. Também neste capítulo tratamos do processo de silabificação, das seqüências de segmentos ambíguos e da quantidade silábica para a definição da palavra mínima.

O quinto e último capítulo trata do acento em palavras simples e compostas. Analisamos também o acento a partir de uma abordagem métrica, bem como a constituição da palavra fonológica.

**Palavras-chave:** Línguas Indígenas; Língua Sateré-Mawé; Fonologia; Índios Línguas – Fonologia.

## SUMMARY

This dissertation presents a phonological study of the Sateré-Mawé language, classified as the unique member of mawé family, in the Tupi linguistic branch. Sateré-Mawé is spoken by approximately 8.000 people, in the indigenous area of Andirá-Marau, located in the frontier of Amazonas and Pará states.

This work includes five chapters, conclusion and bibliography. The first chapter is an introduction and contains general informations about the methodology of fieldwork and the theoretical fundamentals employed in this research. Besides that, works about Sateré-Mawé are briefly shown.

In the second chapter I present ethnographic informations about Sateré-Mawé people and some notes about linguistic classification and bilingualism.

The third chapter is dedicated to the definition of the phonemes and the allophones of the language, based on Pike's phonemic analysis model. I also broach some morphophonemic processes in word or morpheme frontiers.

The fourth chapter deals with the syllable structure, considering the sonority hierarchy to the definition of the syllabic types and the segments distribution. I also discuss the syllabification process, sequences of ambiguous segments and the syllabic quantity in order to define the minimal word.

The last chapter presents the stress pattern in simple and compound words. I analyse this stress pattern founded on the metrical approach and the constitution of the phonological word.

**Keywords: Indigenous Languages; Sateré-Mawé language; Phonology; Indios language – Phonology.**

Ao povo Sateré-Mawé.

Aos amigos José Pereira Nogueira e Euci da Paz.

## AGRADECIMENTOS

- Ao meu marido, André Luiz, e à minha filha, Luiza, pelo amor, incentivo e por acreditarem em mim sempre.
- A toda minha família por estar sempre perto (mesmo longe), preocupada e orgulhosa de mim. Ao meu pai Raimundo Pinto e às irmãs-amigas, Elcileide e Keley, pelo apoio financeiro e moral em todas as etapas desta jornada.
- Ao povo Sateré-Mawé, por entender a importância deste estudo, especialmente à Dona Euci e ao Sr. José Nogueira pela colaboração e por compartilharem comigo sua língua.
- À Professora Dr<sup>a</sup> Lucy Seki, pela orientação e amizade durante todas as fases deste trabalho e, principalmente, pela dedicação aos estudos das línguas indígenas brasileiras.
- Aos Professores Dr. Frantomé Pacheco e Dr Angel Humberto Corbera Mori, examinadores das bancas de qualificação e defesa, e à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Martins Fargetti, que dispensaram valiosas leituras e contribuição a esta dissertação.
- Ao amigo e mestre Giancarlo Stefani, pela amizade e por te me ensinado que ciência requer dedicação e esforço em busca de uma verdade que é sempre importante.
- Aos meus queridos amigos e professores que me acompanharam desde a época da graduação, Mateus Oliveira e Sandra Maria Campos, pela força e pela amizade sempre presentes.
- Aos amigos que fiz em Campinas e que levarei no coração: Edna e Ricardo, Valéria Cardoso, Ilda de Souza, Namblá Gakran, Jéssica Arrotéia, Flávia Castro, Manoel e Sô Santos, Marcos Pereira, Rogério e Vitória Ferreira, Gláucia Cândido, Maria Teresa Curti, Maria Angélica Penna.
- À FAPEAM, pela bolsa de estudos concedida durante o curso, possibilitando a realização desse trabalho.
- À UNICAMP, pelo auxílio financeiro que possibilitou meu trabalho de campo.
- Às amigas Mônica Veloso Borges e Ruth Borges, pela amizade, carinho e apoio

incondicional desde o início.

- A Frantomé Pacheco, minha sincera admiração e amizade.
- À Marinalva Borges Gomes, pela companhia e amizade, e por ter cuidado de mim e da minha filha, durante todo este período.
- À Marcelo, Isabel, Pedro e Maria Luiza pelo carinho e amizade
- Ao Sr. Eron Bezerra, por entender a importância desta pequena contribuição para o conhecimento do Amazonas e de nossa gente.
- À amiga Alessandra Campelo, com quem pude contar nos momentos em que precisei. Obrigado pelo carinho e apoio!
- Às primas Célia Miriam e Samara Braga pela amizade e atenção mesmo de longe.
- Finalmente, agradeço a minha mãe Cleonice Pereira da Silva que estará sempre presente nas minhas melhores lembranças e no meu coração.



## SUMÁRIO

RESUMO.....	v
SUMMARY.....	vii
LISTA DE SÍMBOLOS, SIGLAS E ABREVIACÕES UTILIZADOS..	xv
APRESENTAÇÃO.....	xvii
1. INTRODUÇÃO.....	21
1.1 Objetivos.....	22
1.2 Metodologia.....	22
1.3 Referencial teórico.....	23
1.4 Trabalhos sobre a língua Sateré-Mawé.....	25
2. O POVO SATERÉ-MAWÉ E SUA LÍNGUA.....	27
2.1 INFORMAÇÕES ETNOGRÁFICAS.....	27
2.1.1 A região do Tapajós-Madeira.....	27
2.1.2 O povo Sateré-Mawé.....	29
2.2 Notas sobre a classificação da língua Sateré-Mawé e sobre o bilingüismo.....	32
3. DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DA LÍNGUA SATERÉ-MAWÉ.....	37
3.1 FONES CONSONANTAIS.....	38
3.1.1 Oclusivas.....	39
3.1.2 Oclusivas pré-nasalizadas.....	41
3.1.3 Nasais.....	41
3.1.4 Tepe.....	43
3.1.5 Lateral.....	43
3.1.6 Fricativas.....	44
3.1.7 Aproximantes.....	45
3.2 FONES VOCÁLICOS.....	46
3.2.1 Vogais altas.....	47
3.2.2 Vogais médias.....	48
3.2.3 Vogal baixa.....	50
3.3 ANÁLISE FONÊMICA.....	51
3.3.1 SEGMENTOS CONSONANTAIS.....	52
3.3.1.1 Contraste.....	52
3.3.1.2 Distribuição Complementar.....	55
3.3.1.3 Variação Livre.....	61
3.3.1.4 Quadro de Fonemas Consonantais.....	62
3.3.2 SEGMENTOS VOCÁLICOS.....	64
3.3.2.1 Contraste.....	64
3.3.2.2 Distribuição Complementar.....	68
3.3.2.3 Quadro de Fonemas Vocálicos.....	70

3.4 PROCESSOS MORFOFONÊMICOS.....	73
4. ESTRUTURA SILÁBICA.....	77
4.1 A sílaba.....	77
4.1.1 Hierarquia de sonoridade.....	79
4.1.2 Tipos e distribuição silábica.....	80
4.1.3 Silabificação.....	83
4.1.4 Glides.....	86
4.1.4.1 Seqüências de segmentos em <i>Ataque</i> .....	86
4.1.4.2 Seqüências de segmentos em <i>Rima</i> .....	88
4.1.4.3 Seqüências ambíguas.....	90
4.1.5 Quantidade silábica.....	91
5. CONSIDERAÇÕES SOBRE ACENTO EM SATERÉ-MAWÉ.....	95
5.1 Acento em palavras simples.....	95
5.2 Acento em palavras compostas.....	96
5.3 Análise métrica preliminar do acento na palavra.....	97
5.4 Constituição de palavra fonológica.....	102
5.4.1 Traços segmentais.....	103
5.4.2 Traços prosódicos.....	104
CONCLUSÃO.....	107
REFERÊNCIAS.....	111
APÊNDICE I: Vocabulário básico Sateré-Mawé.....	117
APÊNDICE II: Mapas.....	137

## LISTA DE SÍMBOLOS, SIGLAS E ABREVIACÕES UTILIZADOS.

[ ]	representação fonética
//	representação fonológica
$\sigma$	estrutura silábica
ˈ	acento primário
ˑ	acento secundário
~	alternância fonética ou fonológica
.	fronteira silábica
1sg	1ª pessoa do singular
2sg	2ª pessoa do singular
3sg	3ª pessoa do singular
Poss.	Possessivo
Nom.	Nominalizador
C	consoante
CAA	Contraste em Ambiente Análogo
CAI	Contraste em Ambiente Idêntico
V	vogal
At	ataque
N	núcleo
Co	Coda
R	rima
$\mu$	moras
s	(stronger) forte
w	(weaker) fraco
$\Sigma$	pé métrico
V <sup>h</sup>	vogal aspirada
V̥	vogal laringalizada

## APRESENTAÇÃO

Os estudos sobre línguas indígenas brasileiras têm se tornado um importante foco de pesquisa lingüística no cenário mundial. Além da descrição e análise, muitos estudos são utilizados no sentido de conscientização, tendo em vista o respeito à diversidade cultural dos povos indígenas das Américas e do Brasil em particular.

Segundo Monte (2000:183), cerca de 400 línguas indígenas são faladas na América Latina, destas aproximadamente 50% são faladas no Brasil, principalmente na região Amazônica, que apresenta uma grande diversidade lingüística. Apesar dessa diversidade, as línguas apresentam uma distribuição de poucos falantes cada, definindo, assim, a situação de minoria lingüística para muitos povos. A preocupação com a perda da diversidade lingüística e com o processo de descaracterização cultural aparece em muitos estudos de documentação e descrição desse patrimônio, feitos por lingüistas e recentemente pelos próprios índios que tomam consciência de sua importância no cenário cultural e social brasileiro.

Entre as línguas indígenas brasileiras está o Sateré-Mawé (também conhecida como Sateré ou Mawé), objeto desta dissertação, uma língua falada na região do médio rio Amazonas na divisa dos Estados do Amazonas e do Pará. Possui aproximadamente 8.000 falantes que habitam principalmente as margens dos rios Andirá, Marau e Abacaxis. Dada a proximidade da Terra indígena Andirá-Marau com os municípios de Maués, Barreirinha e Parintins e com a capital Manaus/AM, em algumas áreas, há um bilingüismo em Sateré-Mawé e Português, sendo este preferido por ser utilizado em situações de intercomunicação. Devido a pressões sociais e econômicas, parte dos Sateré está deixando de falar a língua Sateré-Mawé. Como ocorre em outras sociedades indígenas, muitos Sateré migraram para os centros urbanos (Parintins, Maués e, principalmente, Manaus) em busca de estudo e trabalho. Sem dúvida, isso gera

um grave problema. Em Manaus, por exemplo, muitos indígenas não se identificam como tal e preferem falar o Português para não sofrerem nenhum tipo de preconceito. Por conta disso, ocorre que as novas gerações se vêem privadas do uso da língua, recebendo educação formal em Português e vivendo em permanente contato com a sociedade não-indígena.

Neste trabalho, ao apresentar o estudo da fonologia da língua Sateré-Mawé, objetivamos de modo geral oferecer uma contribuição ao estudo das línguas indígenas brasileiras. Além disso, pretende-se discutir, ainda que de modo preliminar, questões referentes aos processos fonológicos de relevância que possam servir de base para a elaboração de materiais pedagógicos e para análises de outros aspectos da gramática da língua.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos e possui dois apêndices, além das referências bibliográficas. O primeiro capítulo é introdutório e apresenta basicamente o objetivo da pesquisa, a metodologia utilizada para a coleta do material lingüístico, além do referencial teórico adotado.

O segundo capítulo apresenta informações etnográficas sobre o povo Sateré-Mawé, bem como alguns aspectos concernentes à sua cultura. Ainda neste capítulo apresentamos notas sobre a posição da língua em relação ao tronco lingüístico Tupi, tendo em vista fornecer subsídios para sua melhor classificação. O bilingüismo em Sateré e Nheengatu e em Sateré e Português será considerado, de forma preliminar, para evidenciar a situação lingüística desse povo na atualidade.

O terceiro capítulo subdivide-se em quatro partes. A primeira e a segunda partes são dedicadas à descrição dos fones consonantais e vocálicos. A terceira apresenta a análise fonêmica das consoantes e vogais, indicando-se, ao final de cada subdivisão, o quadro de fonemas. A quarta e última parte é dedicada à análise preliminar de alguns processos morfofonêmicos que ocorrem na língua Sateré-Mawé.

O quarto capítulo contém uma análise da sílaba, sua organização e distribuição dentro da palavra, bem como um inventário dos tipos silábicos. Apresentamos uma análise da quantidade silábica em termos de moras, cujo

objetivo é verificar a constituição da palavra mínima da língua.

O acento é tratado no último capítulo, sob duas perspectivas. A primeira, da teoria fonêmica, considera a posição do acento em palavras simples e compostas. Por fim, com base na abordagem métrica, apresentamos, de forma preliminar, uma análise sobre sua ocorrência no âmbito da palavra (simples e compostas). A constituição da palavra fonológica é tratada a partir de traços segmentais e prosódicos.

O trabalho inclui dois apêndices. O primeiro contém um vocabulário básico da língua Sateré-Mawé tendo em vista auxiliar nos estudos histórico-comparativos entre as línguas do tronco Tupi. O segundo inclui mapas para uma melhor localização da Terra Indígena Andirá-Marau do povo Sateré-Mawé.

## 1. INTRODUÇÃO

É inestimável a contribuição que os estudos sobre as línguas indígenas trazem ao desenvolvimento da Teoria Lingüística Geral. As línguas indígenas brasileiras têm relevância significativa nesse contexto, devido à diversidade de fenômenos lingüísticos que apresentam e que permitem verificar e/ou comprovar, o que é constante e o que é variante nas gramáticas das línguas naturais.

É fato que há um crescente interesse pelas pesquisas sobre línguas indígenas, inclusive por parte dos próprios falantes, que passam a tomar consciência de sua importância nesse contexto, o que favorece a constituição de grupos de estudos ligados a instituições e centros de pesquisa, formando, assim, uma tradição que se torna cada vez mais consistente no cenário lingüístico nacional e mundial.

Além da importância científica, a análise, a descrição e a documentação das línguas indígenas têm grande relevância social, uma vez que contribui para a elaboração de programas de ensino bilíngüe voltado para a formação de professores indígenas, e também para a formulação de material didático dentro do sistema de educação formal na língua dos grupos e outros programas de natureza social e cultural, como os de saúde e de auto-sustentação econômica..

Nesse sentido, a análise descritiva da fonologia da língua Sateré-Mawé, assim como sua documentação, visa contribuir nos seguintes aspectos: a) no plano da teoria lingüística, para um maior conhecimento das línguas indígenas brasileiras e para sua melhor classificação dentro do tronco lingüístico Tupi, além de uma descrição da fonologia da língua Sateré-Mawé e b) no plano social, para um melhor conhecimento da língua, o que contribuirá para a preparação de materiais cujos objetivos sejam programas de educação para professores e alunos Sateré-Mawé.

## 1.1 Objetivos

Esta dissertação tem por objetivo apresentar um estudo da fonologia da língua Sateré-Mawé, falada por aproximadamente 8.000 indígenas que habitam a Terra Indígena Andirá-Marau, situada entre os estados do Amazonas e do Pará (região do médio rio Amazonas). A proposta de trabalho refere-se à região do rio Andirá, com cinquenta e um núcleos habitacionais indígenas e um total populacional de aproximadamente 3.981 habitantes<sup>1</sup>.

Notas sobre a classificação da língua como pertencente ao tronco Tupi e sobre o bilingüismo em Sateré/Nheengatu e Sateré/Português serão feitas de maneira preliminar objetivando, por um lado, levantar subsídios para futuras pesquisas sobre a língua Sateré-Mawé e, por outro, evidenciar a situação da língua na atualidade.

Juntamente às descrições dos fones e à análise fonológica, apresentamos os processos morfofonêmicos, um estudo sobre alguns fenômenos de relevância na língua, tais como a sílaba e o acento.

## 1.2 Metodologia

A pesquisa sobre as línguas naturais envolve duas atividades básicas: a primeira diz respeito à coleta e transcrição de dados, e a segunda, à análise e interpretação dos dados coletados. Assim, para o estudo fonológico da língua Sateré-Mawé, foi realizada uma viagem a campo junto à comunidade Nova Sateré (rio Andirá/AM) entre os meses de julho e agosto de 2003. Um casal, o Sr. José Pereira Nogueira e Dona Euci da Paz, ajudaram como informantes ou colaboradores, fornecendo os dados em encontros diários de aproximadamente uma hora e meia.

A coleta de dados envolveu registro de expressões orais, tais como, diálogos, textos narrativos e dados elicitados. Foram aplicados os questionários

---

<sup>1</sup> Dados fornecidos pelo INDASPI, Organização não-governamental que trata da saúde dos povos indígenas no âmbito do Distrito Sanitário Especial Indígenas-DSEI Parintins/AM – FUNASA. Conferir dados do quadro com distribuição populacional incluindo no Apêndice II.



apresentados nos formulários padrão do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1965) e os questionários lexicais e gramaticais de Kaufmam & Berlin (1987).

Os dados foram gravados em dez fitas cassetes de 45 minutos cada e transcritos ainda em campo para posteriormente serem conferidos, comprovados e analisados juntamente com os informantes (ajudantes) bilíngües ou não. Cada sessão foi planejada no sentido de inicialmente fazermos verificações de dados já transcritos, e em seguida a coleta de novos dados para análise, transcrição e nova verificação. Ressalte-se que os dados foram transcritos foneticamente com base nos símbolos e diacríticos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA, 1999). Alguns dados necessitaram de uma análise instrumental para a verificação da natureza acústica de alguns segmentos. Nessas situações, utilizamos o *software* PRAAT, versão 4.2, como instrumento de análise lingüística.

Além dos dados por nós coletados, tivemos acesso a três fitas cassetes de 30 minutos cada que foram gentilmente cedidas pelo pesquisador Mateus Oliveira<sup>2</sup> na fase inicial da pesquisa.

Como dito anteriormente, transcrevemos os dados através do Alfabeto Fonético Internacional (IPA) fazendo, quando necessário, transcrições mais detalhadas de aspectos articulatórios secundários. Contudo, a maior parte dos dados está transcrita de forma mais ampla, pois pensamos em tornar a leitura mais acessível mesmo aos leitores do meio acadêmico.

Este trabalho teve como orientação teórica básica o modelo de análise fonêmica de Pike. Em algumas análises optamos por utilizar modelos mais atuais para o estudo de aspectos específicos da língua, tais como quantidade silábica e acento dentro da palavra.

### 1.3 Referencial teórico

Toda língua faz uso de um sistema de sons. O estudo fonológico de uma determinada língua visa conhecer como esse sistema é organizado e como exerce

---

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e doutorando em linguística (IEL/UNICAMP)

a função de comunicação. Para o estudo da fonologia da língua Sateré-Mawé foram aplicadas as orientações do modelo fonêmico proposto nos trabalhos de Pike (1947), Gleason (1978), Kindell (1981), Cagliari (2002), entre outros. Consideramos que os métodos propostos no modelo fonêmico são orientações básicas de análise lingüística, uma vez que ajudam a identificar os segmentos que estão mais próximos da língua falada, a partir de dois pontos de vista diferentes, o ético e o êmico. Segundo Pike (1947), o ponto de vista ético corresponde ao nível fonético, onde os sons da língua são identificados e descritos. O ponto de vista êmico corresponde ao nível fonológico, ou fonêmico, que diz respeito à organização e análise dos sons, formando classes significativas no sistema lingüístico (Kindell, 1981:10).

Para a descrição dos aspectos fonológicos de relevância da língua, tais como a sílaba e sua constituição interna, seguimos as abordagens teóricas sugeridas em Goldsmith (1990), Clements & Keyser (1983) e Kenstowicz (1994), Hogg & McCully (1987). A análise do peso silábico e do acento segue as orientações das abordagens métricas de Hayes (1995), Liberman & Prince (1977), dentre outros. A constituição da palavra fonológica orienta-se pelas bases teóricas apresentadas em Dixon & Aikhenvald (2002).

Nesta dissertação, tratamos de dois níveis de análise: o fonético e o fonológico. O primeiro, para a descrição dos fones e suas ocorrências, e o segundo, para a definição dos fonemas e alofones. O nível morfológico é considerado quando, no processo de formação de palavra, há alteração da organização interna dos sons, uma vez que consideramos em nossa análise palavras cuja estrutura é composta de elementos que contém informações gramaticais que interferem em outros níveis de análise, tais como prefixos, sufixos e clíticos.

## 1.4 Trabalhos sobre a língua Sateré-Mawé

Como mencionado anteriormente, o Sateré-Mawé é uma língua pouco estudada. No tronco Tupi está classificada como membro único da família Mawé, conforme demonstra Rodrigues (1986). Os estudos e os materiais existentes sobre a língua são:

a) algumas *Listas de palavras e sentenças simples*, que foram feitas por viajantes e naturalistas do passado: Henri Coudreau (1896)<sup>3</sup>; Koch-Grünberg (1924); Curt Nimuendaju (1929); Nunes Pereira (1939) e Teófilo Tiuba (s/d)<sup>4</sup>.

b) o estudo de alguns *aspectos da gramática e da fonologia* que incluem artigos de natureza fragmentário feitos por membros do antigo Summer Institute of Linguistic – SIL, atual Sociedade Internacional de Lingüística, (Graham, A & S.Graham, 1978 e Graham A. & Harrison C., 1984). Nesses trabalhos foram apresentados aspectos da fonologia, das unidades gramaticais e prefixos pessoais da língua Sateré-Mawé. Há também uma proposta de gramática pedagógica (Graham, S., 1995), que apresenta alguns aspectos da gramática, tais como as marcas de interrogação, os prefixos pessoais, os nominalizadores, além do imperativo e do número. O *dicionário bilíngüe Português-Sateré, Sateré-Português* (Brandon & Graham, 1983) traz um levantamento muito reduzido do léxico da língua<sup>5</sup>.

c) a dissertação de Suzuki (1997) propõe uma análise do sistema dêitico da língua Sateré-Mawé. Das três dimensões analisadas, espacial, temporal e pessoal, aborda mais detidamente as duas primeiras. Com relação à dimensão pessoal, a pesquisadora ressalta que ainda há muito a ser investigado, e que há necessidade de uma análise mais aprofundada do sistema pronominal e das estruturas sintáticas da língua Sateré-Mawé.

---

<sup>3</sup> reeditado em 1977 (Ed. da USP/Itatiaia)

<sup>4</sup> As listas de Curt Nimuendajú (1929) e Teófilo Tiúba (s/d), além da lista de Nunes Pereira (1939), estão no livro 'Os índios Maué', de Nunes Pereira (2003)

<sup>5</sup> Os estudos produzidos pelos missionários encontram-se atualmente nos arquivos do S.I.L. em Porto Velho/RO.

d) a tese de doutorado sobre *aspectos da morfossintaxe* feita por Franceschini (1999) focalizou a morfologia nominal e a verbal e a constituição de bases complexas, predominantemente no nível do sintagma. A pesquisadora publicou também artigos sobre aspectos gramaticais da língua tais como as classes de nomes (2001) e voz inversa em Sateré-Mawé (2001) entre outros. Também elaborou e organizou livros de alfabetização e leituras, juntamente com a OPISM<sup>6</sup>.

e) além desses trabalhos, há um número considerável de publicações sobre a língua, principalmente de natureza didática, como cartilhas e livros com textos escritos em Sateré-Mawé. Entre eles podemos citar a *1ª cartilha Sateré-Mawé*, escrita por Henrigue Uggé (1986), o livro intitulado, *As bonitas histórias Sateré-Mawé* do mesmo autor que contém textos na língua Sateré escritos por falantes. O livro *wemahara hap ko'i*, organizado por Clóvis OLIVEIRA (1998) e escrito por Aristides SATERÉ [et.all], com vários textos escritos em Sateré.

A exceção das listas de palavras, todos os outros trabalhos incluem apenas notas ou tratam de aspectos fonológicos sem, contudo, trazer uma análise mais abrangente da fonologia. Um estudo descritivo fonético-fonológico da língua Sateré-Mawé aparece, nesse contexto, como uma contribuição significativa ao conhecimento da língua.

O Capítulo seguinte traz informações etnográficas sobre o povo Sateré-Mawé e sobre a região do Tapajós-Madeira, onde fica a região do médio rio Amazonas, local da Terra-Indígena Andirá-Marau do povo Sateré-Mawé.

---

<sup>6</sup> Organização dos Professores Sateré-Mawé - OPISM

## 2. O POVO SATERÉ-MAWÉ E SUA LÍNGUA

### 2.1 INFORMAÇÕES ETNOGRÁFICAS

A primeira menção sobre os índios Sateré-Mawé em documentos históricos foi feita em 1691, sob a designação de '*Mabué*'. Desde então, receberam várias denominações dadas por cronistas, viajantes, desbravadores, missionários e naturalistas: *Maooz*, *Mangués*, *Jaquezes*, *Manguases*, *Mahués*, *Mauris*, *Mawé*, *Maragua* e *Maraguazes*. Segundo Mano (1996:16), o contexto etnográfico da região do médio rio Amazonas registra vários movimentos migratórios de populações indígenas. Infelizmente, dos grupos registrados nos documentos históricos sobre a região, poucos sobreviveram ao choque do contato. Desapareceram, enquanto sociedade organizada, antes mesmo de serem estudados. O que restou foram informações, quando muito, sobre sua localização.

Parece-nos oportuno trazer não só informações etnográficas sobre os Sateré-Mawé, mas também um pouco sobre a região do médio rio Amazonas, seja por conta da heterogeneidade dessa região, seja pelo fato de estar diretamente relacionada ao processo de ocupação e adaptação humana na Amazônia. Esperamos com isso, estar contribuindo para um melhor conhecimento da região onde habitam os Sateré-Mawé e, conseqüentemente, para um melhor conhecimento de sua sociedade e língua.

#### 2.1.1 A região do Tapajós-Madeira

A moderna etnografia classifica a região do Tapajós-Madeira como pertencente à tradição cultural Tupi-Guarani (Mano,1996) incluindo, entre os grupos ali localizados, os Sateré-Mawé do tronco Tupi. Os estudos lingüísticos

sobre o Proto-Tupi levantam a hipótese da região ao sul da calha do rio Amazonas, abaixo da foz do Madeira, ser a área onde se produziu a especialização lingüística que deu origem ao Tronco Tupi.

Apesar da mencionada classificação parecer homogênea do ponto de vista cultural, a região do Tapajós-Madeira é historicamente tida como sendo heterogênea por conta dos vários grupos indígenas que nela aportaram.

Estudos arqueológicos atestam que essa é uma das regiões das Américas que apresentam registros de ocupação humana mais antigos. Mais recentemente, através de registros do século XVII, observa-se a presença dos índios Tapajós, grupo de família lingüística desconhecida que, segundo relatos, tinha uma organização sócio-econômica estratificada. De acordo com cronistas, os Tapajós dominaram os grupos minoritários que lhes deviam tributos em forma de alimentos e outros bens.

Outro grupo que tinha organização sócio-econômica estratificada semelhante aos Tapajós era os Iruri, que ocupavam as várzeas do rio Madeira e falavam uma língua desconhecida, que, segundo Betendorf (1910:354), *“seguramente não era Tupi”*. Os Iruri mantinham comércio com as populações Aruak do rio Negro, o que pode explicar a entrada de elementos destes últimos na região. Além das migrações descritas, houve também migrações de grupos Karib, realizadas pelos Kaxuyana e pelos Arara nos séculos XVIII e XIX.

A primeira intrusão de um povo Tupi nesta região deu-se pelos Tupinambá que, pelos relatos, vieram do litoral, oriundos de Pernambuco. Uma vez instalados, impuseram seu domínio e, conseqüentemente, sua língua aos povos da região. Com isso, vários grupos indígenas sofreram um processo de tupinização e foram reunidos sob a designação genérica de Tupinambaranas (falsos Tupinambás).

Como podemos observar, a região onde atualmente estão os Sateré-Mawé configura-se como uma região multi-étnica. Como não poderia deixar de ser, essa heterogeneidade é refletida na constituição cultural desse grupo. Até o termo “Mawé”, segundo Mano (1996), parece ter caráter genérico:

*“... os Mawé possivelmente se constituem de um amálgama de elementos emprestados de culturas diferentes (...) a designação Mawé parece ter caráter genérico abrangendo, na verdade, uma série de grupos que possuem a mesma língua, o mesmo sistema sócio-adaptativo e ocupam o mesmo espaço geográfico contínuo. Desde as primeiras informações documentais que possuímos sobre a área, muitos dos ‘etnônimos’ que aparecem nas listagens podem ser associados a essa unidade inclusiva maior (Mano, 1996:32)”.*

Acunã (apud. Mano, 1996) sugere em seus relatos que, ao longo dos rios Maués, Andirá e afluentes, houve vários grupos indígenas, entre eles os Maraguás e os Guaranaguas, estes no rio Andirá, diretamente associados aos Mawé e hoje considerados um dos clãs dessa etnia.

Com o passar do tempo vários dos etnônimos foram sumindo dos relatos dos viajantes. Já no século XIX, as referências são somente aos Mawés, Munduruku, Kawahiwa e Mura-Pirahã como as poucas unidades tribais indígenas presentes ao norte da área do Tapajós-Madeira.

### 2.1.2 O povo Sateré-Mawé

Como dito anteriormente, o povo Sateré-Mawé habita a região do médio rio Amazonas, na divisa dos Estados do Amazonas e do Pará. Segundo levantamento da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA)<sup>7</sup>, a Terra Indígena Andirá-Marau, demarcada pela FUNAI em 1982 com 788.528 hectares e abrangendo os municípios de Maués/AM, Barreirinha/AM, Parintins/AM e Itaituba/PA, é habitada por aproximadamente 8.000 indígenas distribuídos entre os rios Andirá, Marau e Abacaxis. No Amazonas, a área está dividida em duas regiões: a do rio Marau, ligada ao município de Maués, e a região do rio Andirá, ligada ao município de Barreirinha (Franceschini, 1999).

---

<sup>7</sup> Dados fornecidos pelo Distrito Sanitário Especial Indígena de Parintins – DSEI/Parintins

O termo *Sateré-Mawé* é composto de *Sateré* que significa ‘lagarta de fogo’ e *Mawé* ‘papagaio falante’. A designação é a autodenominação do grupo, que apresenta uma organização cultural e social bem definida, preservando a língua e os rituais apesar de mais de três séculos de contato.

De acordo com os mais idosos, em tempos imemoriais os ancestrais dos índios Sateré-Mawé habitavam o vasto território entre os rios Madeira e Tapajós, delimitado ao norte pelas ilhas Tupinambaranas, no rio Amazonas, e ao sul pelas cabeceiras do rio Tapajós. O território ancestral dos Sateré-Mawé foi bastante reduzido, seja por conta do contato com os brancos, seja devido às guerras com outros povos indígenas, como os Munduruku e Parintintin, inimigos ancestrais dos Sateré-Mawé. Em seus relatos, os viajantes e cronistas do passado, afirmam que os municípios de Maués e Parintins, no Amazonas, e o município de Itaituba, no Pará, foram fundados sobre sítios Sateré-Mawé, o que coincide com a história oral deste povo (para mais detalhes ver Lorenz (1992)).

Apesar das fontes históricas atribuírem aos Sateré-Mawé uma atitude psicológica de submissão, isso não corresponde a uma verdade absoluta. Os Sateré-Mawé jamais aceitaram pacificamente o jugo dos colonizadores, dando como prova disso o fato de proibirem que suas mulheres aprendessem a falar Português. Dois fatos mencionados por Curt Nimuendaju merecem referência: o primeiro diz respeito à participação dos índios Sateré na Cabanagem (luta nativista contra o imperialismo português na Amazônia) e o segundo, à colaboração que eles prestaram às forças do Estado do Amazonas na disputa dos limites territoriais entre os Estados do Amazonas e do Pará, depois que expedições de seringueiros vindos de Itaituba/PA, no começo do século XX, invadiram seu território. (Nunes Pereira, 2003).

Conhecidos como “*os filhos do Guaraná*”, os índios Sateré-Mawé receberam dos seus ancestrais as técnicas de cultivo e uso da planta. O guaraná (*paullinia cupana*)<sup>8</sup> está profundamente relacionado a esses índios que lhe atribuem várias significações, tanto simbólicas como a origem do povo de onde

---

<sup>8</sup> Planta do tipo trepadeira cultivada pelos índios Sateré-Mawé que possui elevado poder energético, já comprovado através de pesquisas.



nasceu o primeiro Mawé, quanto medicinal como a cura de várias doenças. É também utilizado como bebida ritual (Sakpo).

A organização social dos Sateré-Mawé é hierárquica e funciona como fio condutor das relações no grupo. Apresentam um sistema de clãs associados a diversos animais. Entre os clãs, o clã Sateré é hierarquicamente superior aos outros e é considerado o clã dos chefes. Cada grupo familiar está organizado sob a autoridade de um chefe de família extensa. Este chefe é o responsável pela vida social e econômica dos denominados sítios (local de organização familiar), dentro dos quais existem espaços socialmente definidos. Cada família possui uma residência, onde fica o fogo que serve tanto para o preparo do alimento quanto para aquecer as reuniões familiares. Entre a casa e o rio fica a casa do forno (cozinha), onde o guaraná é torrado e onde é preparada a farinha de mandioca, sua base alimentar.

Toda aldeia possui um tuxaua, que é a autoridade responsável pela organização política local. É ele quem resolve brigas entre famílias e conflitos internos, é também quem organiza as festas e rituais e quem orienta as atividades agrícolas e as transações comerciais. Hierarquicamente, o tuxaua da aldeia é submetido à influência política do tuxaua geral. Atualmente existem dois tuxauas gerais: um no rio Andirá e outro no rio Marau.

A figura do Capitão foi instituída pelo SPI<sup>9</sup> e posteriormente foi reforçada pela FUNAI, como o elemento intermediador entre os Sateré-Mawé e os não-indígenas. Ao capitão cabe, portanto, a ligação entre as chefias tradicionais, acima descritas, e as autoridades da sociedade nacional, tais como prefeitos, padres, pastores, entre outras.

Os Sateré-Mawé apresentam uma economia de subsistência, em que se destacam o plantio de guaraná e as roças de mandioca, que, além de servirem para consumo, servem também para a comercialização com as cidades próximas. Plantam ainda, para consumo, o jerimum, a batata doce, o cará e vários tipos de frutas, com destaque para a laranja. Praticam a caça e a pesca e assim complementam a dieta alimentar das famílias (Lorenz, 1992).

---

<sup>9</sup> Serviço de Proteção ao Índio – SPI.

O Porantim é o elemento principal na cosmologia Sateré-Mawé. Segundo os índios, é no Porantim (madeira com formato de remo) que está gravada a história da origem do povo Sateré. Ele possui poderes mágicos, com os quais é possível prever acontecimentos, apartar desavenças e solucionar conflitos internos (Uggé s/d).

Dentre os rituais, o que mais se destaca é o ritual da Tucandeira. Este evento é realizado como forma de iniciação masculina. O índio Sateré-Mawé, para provar sua força, coragem e resistência à dor, deve se deixar ferrar no mínimo 20 vezes, colocando as mãos dentro da luva da tucandeira (*saaripé*). As tucandeiras são formigas grandes com ferrão muito dolorido que, no ritual, são presas pelo abdômen com o ferrão voltado para dentro da luva. Não há um período certo para a realização do ritual: é organizado conforme a vontade de quem deseja ser iniciado. O evento envolve cantos e danças onde as mulheres, sobretudo as solteiras que buscam maridos fortes e corajosos, podem entrar na fila da dança junto com outros homens.

## 2.2 Notas sobre a classificação da língua Sateré-Mawé e sobre o bilingüismo

A classificação da língua Sateré-Mawé ainda não está bem definida. Rodrigues (1958 a, b) inicialmente a incluiu como membro da família Tupi-Guarani, porém, depois reconsiderou a afiliação:

*“Até agora tanto o Awetí quanto o Mawé vinham sendo incluídos na família Tupi-Guarani. O melhor conhecimento de ambos deixa claro, entretanto, que são tão aberrantes, cada um a sua maneira, em relação a todas as outras línguas incluídas naquela família, que sua associação com elas deve ser procurada em outro plano.”* (Rodrigues, 1984/85:35).

Com base em evidências lexicais e fonológicas Rodrigues & Dietrich (1997:256) levantam a hipótese de que inicialmente existia um ramo composto

por Mawé-Awetí-PTG<sup>10</sup>, junto com outras famílias do tronco Tupi (Munduruku, Tupari, Juruna, Monde, Puruborá, Arikém, Ramaráma). Os autores consideram que houve duas separações: a primeira entre Mawé e Awetí-PTG, e a segunda entre Awetí e PTG, resultando na atual composição do tronco lingüístico Tupi. Ainda no artigo citado, os autores ressaltam que a língua Sateré-Mawé sofreu acentuada influência lexical do Nheengatu desde o início do século XVII.

As influências do Nheengatu, língua da família Tupi-Guarani também conhecida como Língua Geral Amazônica (LGA), podem facilmente ser observadas no léxico Sateré. Basicamente podemos notar duas situações de empréstimos. A primeira corresponde a palavras que foram incorporadas ao léxico sem nenhuma alteração. A segunda, a palavras que sofreram adaptação ao serem incorporadas.

O primeiro tipo de incorporação ocorre em maior número e, pelo que podemos observar em trabalho de campo, o falante não identifica o empréstimo. Denominações para remo '*apukuíta*', cuia '*kuia*', jararaca '*jararaka*', feijão '*kumana*' e enxada '*purure*' são empréstimos da língua geral que os falantes de Sateré usam sem nenhum tipo de restrição ou sem mesmo considerá-las como emprestadas do '*tupi*' (forma como o Nheengatu é denominado no rio Andirá).

O segundo tipo de incorporação é reduzido e geralmente apresenta alterações fonológicas, conforme a tabela abaixo:

(1) Algumas incorporações com alterações fonológicas

	Sateré	Nheengatu	
(1)	<i>awati</i>	<i>awatʃi</i>	'milho'
(2)	<i>iʔi</i>	<i>iʔi</i>	'rio'
(3)	<i>tapiʔia</i>	<i>tapuja</i>	'índio'
(4)	<i>muka</i>	<i>mukawa</i>	'espingarda'
(5)	<i>pisana</i>	<i>piʃana</i>	'gato'

<sup>10</sup> Proto-Tupi-Guarani

Observe-se que os exemplos (4) e (5) fazem referência a conceitos típicos de culturas não-indígenas que foram empregadas provavelmente por mestiços e missionários.

Constatamos ainda que algumas palavras do Nheengatu são utilizadas normalmente, apesar de existir a denominação em Sateré. Exemplos disso são as denominações para capivara e porco-espinho que podem ser tratados tanto em Sateré como ‘*paĩ wato*’ e ‘*nũ Pĩn*’, quanto em Nheengatu ‘*kupidu*’ e ‘*kuandu*’, respectivamente. Talvez, com o tempo, ocorra um processo de especialização em que uma forma se especialize em relação à outra.

É fato que a língua Mawé apresenta elementos estranhos às línguas do tronco Tupi. Nimuendaju (apud Mano, 1996), ao estudar a gramática mawé faz a seguinte observação “... *the Maué vocabulary, however, contains an element that is completely foreign to Tupi but which cannot be traced to any other linguistic family...*” (1948:246).

Sobre a questão de diferenças lexicais de elementos não-tupi na língua Sateré-Mawé, existe a hipótese de que a área cultural indígena Tapajós-Madeira, classificada pela moderna etnografia como pertencente à tradição cultural tupi, tenha sido palco de movimentos migratórios de grupos Aruak e mais recentemente Caribe, o que poderia explicar a presença desses elementos na língua (Mano, 1996).

Até agora vínhamos tratando a questão de situações de contato entre duas línguas indígenas (Sateré e Nheengatu), dentro da Terra Indígena Andirá-Marau dos índios Sateré-Mawé, mais especificamente na região do rio Andirá, onde comprovadamente existem falantes do Nheengatu. Ainda na Terra Indígena também é encontrado bilingüismo em Sateré-Mawé/Português, porém o uso do Português restringe-se a situações de comercialização ou quando um dos interlocutores não conhece a língua Sateré. Nas demais situações, a língua de uso corrente é o Sateré-Mawé. Passamos agora a tratar o bilingüismo fora da terra indígena.

A questão do bilingüismo torna-se ainda mais evidente, e grave, quando consideramos o processo migratório dos indígenas para os centros urbanos.

Como dito anteriormente, muitos Sateré migraram para os centros urbanos (Parintins, Maués e, principalmente, Manaus) em busca de estudo e trabalho. Segundo estimativa da COIAB<sup>11</sup> cerca de 20 mil indígenas de várias etnias residem hoje em Manaus. Entre elas estão os Sateré-Mawé, que têm fácil acesso à capital, através de transporte fluvial.

O fato de estarem fora de sua terra, longe de suas origens e em permanente contato com a sociedade não-indígena traz danos irreparáveis à língua e à cultura desses índios. Do aspecto cultural não trataremos, pois foge ao escopo deste trabalho. Espera-se, no entanto, que os danos culturais sofridos pelos indígenas residentes em Manaus sejam evidenciados e devidamente tratados pelas autoridades para que eles não mais se tornem “... *invisíveis para o conjunto da população manauara*” (Freire, 2005).

Em relação à língua Sateré-Mawé, sua situação não é diferente do que acontece com outras sociedades indígenas no Brasil. Muitos índios deixam de falar a língua Sateré-Mawé e passam a falar apenas o Português para não sofrerem nenhum tipo de preconceito. Segundo Freire (2005), não existem projetos de educação bilíngüe para os indígenas residentes em Manaus. Com isso, as novas gerações se vêem privadas de aprender a língua Sateré, sendo educadas em escolas de educação formal da rede pública. Aliado a isso está o fato de estarem, como já dissemos, em permanente contato com a sociedade não-indígena, seja trabalhando em atividades de prestação serviço, seja através de meios de comunicação de massa, como televisão e rádio. Nas palavras de Freire (op.cit);

*“O preconceito fica evidente, quando sabemos que nesse momento (...) línguas indígenas estão sendo faladas em diversos bairros de Manaus. Crianças brincam, sofrem, choram e riem em Tukano, Baniwa, Nheengatu (...). Algumas mães adormecem seus filhos embalando-os na rede com canções de ninar em uma língua indígena. Alguma avó conta para o*

---

<sup>11</sup> Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira

*seu neto, na periferia de Manaus, histórias sobre a origem da noite, dos bichos, do mundo. Esses fatos – por si só – justificam uma ação para fortalecer essas línguas...” (Freire, 2005)”.*

A preocupação com a preservação da língua e dos costumes é quase que exclusiva dos mais idosos. Estes, mesmo em meio urbano, organizam-se e procuram amenizar o impacto do contato, tentando manter a língua e a tradição oral, passando às crianças do grupo familiar suas histórias e costumes. Reivindicam escolas bilíngües para duas aldeias urbanas: uma no bairro Santos Dumont e a outra no Tarumã, mas, sem o apoio das instituições de educação e sem recursos para isso, não conseguem dar continuidade à educação dos mais jovens e, sobretudo das crianças na língua Sateré-Mawé.

Neste capítulo, tentamos trazer informações sobre o contexto etnográfico da região do Tapajós-Madeira, a fim identificar culturalmente os índios Sateré-Mawé e a região que ocupam. Nosso objetivo foi tentar relacionar o fato da região ter sido palco de vários movimentos migratórios com a problemática classificação da língua Sateré-Mawé como Tupi. Evidentemente, muitos estudos, tanto etnográficos, quanto lingüísticos, precisam ser realizados na região para uma maior clareza quanto à classificação da língua. Neste capítulo, também foram feitas algumas notas sobre a questão do bilingüismo presente na região do rio Andirá entre Sateré e Nheengatu. Neste caso, são duas línguas indígenas que apresentam uma história de contato de mais de trezentos anos. Ao tratarmos da questão do bilingüismo em Sateré e Português, buscamos evidenciar uma situação incômoda, que é a situação dos indígenas que vivem nos centros urbanos sem recursos e sem apoio das instituições para a preservação de sua língua e cultura.

### 3. DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DA LÍNGUA SATERÉ-MAWÉ

A categoria básica da fonologia é o fonema, definido em termos de propriedades fônicas como sons que se distinguem numa língua para representar mudança de significação. Fonética, por sua vez, corresponde à parte do estudo da língua que tem como tarefa a investigação dos sons da fala, de um ponto de vista fisiológico.

Foneticamente os sons são organizados em cadeias sonoras para a produção da fala. Os órgãos fonadores são capazes de articular centenas de sons e correspondem a três partes distintas: a respiratória, a fonatória e a articulatória. Cada língua organiza seu sistema de acordo com sua estrutura lingüística.

Neste capítulo apresentaremos a descrição fonética dos fones da língua Sateré-Mawé, a análise fonêmica para a definição dos fonemas e dos alofones e a ocorrência de processos morfofonêmicos.

Na descrição fonética, apresentamos as tabelas e a descrição dos fones consonantais e vocálicos e sua distribuição. Os fones consonantais foram organizados pelo modo e pelo ponto de articulação. Já os fones vocálicos, pela altura e posição, sendo descritos os fones orais, depois os nasais e em seguida os longos.

A análise fonêmica baseia-se nos princípios fonêmicos de contraste em ambiente idêntico ou análogo, distribuição complementar e variação livre, (Pike, (1947) e Kindell (1981)). Inicialmente, foram definidos os fonemas consonantais apresentados num quadro de consoantes, depois, os fonemas vocálicos, apresentados da mesma forma. Considerou-se, na definição e descrição dos segmentos sua posição na estrutura ou contínuo silábico (ataque, núcleo e coda), o que será tratado mais detidamente no capítulo 4.

Os processos morfofonêmicos são tratados de maneira preliminar. A análise não abrange todas as ocorrências, mas sugere novas pesquisas sobre o assunto a partir de um maior número de dados da língua.

A seguir apresentamos a análise fonética e fonológica da Língua Sateré-Mawé.

### 3.1 FONES CONSONANTAIS

A língua Sateré-Mawé apresenta um inventário fonético de 27 sons consonantais classificados a partir do modo e do ponto de articulação, conforme indicados na tabela abaixo:

(2) Fones consoanatais

		bilabial	dental	alveolar	palatal	velar	glotal
<b>oclusivas</b>		p		t		k	ʔ
<b>oclusivas não-explodidas</b>	surdas	pʼ		tʼ		kʼ	
	sonoras	bʼ		dʼ			
<b>oclusivas pré-nasalizadas</b>		mb	nd			ŋg	
<b>nasais</b>		m		n	ɲ	ŋ	
<b>nasais ensurdecidas</b>		m̥		n̥		ŋ̥	
<b>tepe</b>				r			
<b>lateral</b>				l			
<b>fricativas</b>		β	θ	s			h
<b>aproximantes</b>		w			j		

A seguir apresentamos a distribuição dos fones consonantais e vocálicos da língua.



### 3.1.1 Oclusivas

Os fones oclusivos surdos realizam-se quanto ao ponto de articulação como bilabial [p], alveolar [t] e velar [k]. Ocorrem em *Ataque* de sílaba, precedendo vogais orais, em posição inicial ou medial de palavra.

- |                     |             |               |           |
|---------------------|-------------|---------------|-----------|
| (3) a. [pɛ̃ 'rɛ̃kʷ] | ‘rato’      | b. [pa 'ɛ̃]   | ‘paca’    |
| c. [sa 'pɔ:tʷ]      | ‘escorpião’ | d. [apɛ 'ʔi]  | ‘barata’  |
| (4) a. [tuʔi 'sa]   | ‘chefe’     | b. [tɔ 'ʔɛ]   | ‘dizer’   |
| c. [hai 'tɛ̃]       | ‘corda’     | d. [βɛi 'ta]  | ‘pássaro’ |
| (5) a. [kɛ̃ 'wa]    | ‘pente’     | b. [kaha 'tɔ] | ‘muito’   |
| c. [su 'ki]         | ‘cesto’     | d. [u 'kɛ̃tʷ] | ‘sal’     |

Os fones oclusivos não explodidos [pʷ], [tʷ] e [kʷ] ocorrem em *Coda* silábica, precedendo consoantes oclusivas e silêncio.

- |                       |            |              |                      |
|-----------------------|------------|--------------|----------------------|
| (6) a. [makupʷti 'a]  | ‘moça’     | b. ['mɛ̃pʷ]  | ‘forno’              |
| c. [hɛ̃dʷʔɛ̃pʷ 'kãŋ]  | ‘pescoço’  | d. ['ŋapʷ]   | ‘caba’ <sup>12</sup> |
| (7) a. [kɔtʷkɔdʷ 'ʔɛ] | ‘ferver’   | b. ['ha:tʷ]  | ‘fruta’              |
| c. [ipɔtʷ 'pa:pʷ]     | ‘trabalho’ | d. [a'hu:tʷ] | ‘papagaio’           |

<sup>12</sup> ‘caba’ é o termo reginal utilizado para denominar ‘vespa’



f. [mu 'ʔapʔ]            'caminho'

### 3.1.2 Oclusivas pré-nasalizadas

Os fones oclusivos pré-nasalizados [mb], [nd] e [ŋg] ocorrem em *Ataque* de sílaba, em posição medial, antecidos por vogais nasais.

- (12) a. [jã 'mbɛ̃]            'meu nariz'  
b. [mɛŋũ 'mbɛ]        'aqui'  
c. [jã 'mbɛ]            'chocalho'

- (13) a. [kamũ 'ndi]        'pote'  
b. [wãndi 'ʔũ]        'carapanã'<sup>13</sup>  
c. [mãndɛ : 'ru]        'vagalume'

- (14) a. [amũŋgiu 'su]        'algodão'  
b. [βẽŋgi 'ʔa]        'saúva'  
c. [ŋũ 'ŋgãŋ]        'tucano'

### 3.1.3 Nasais

Os fones nasais [m], [n] e [ŋ] realizam-se, respectivamente, quanto ao ponto de articulação, como bilabial, alveolar e velar. Ocorrem em *Ataque* de sílaba, precedendo vogais orais e nasais, em posição inicial ou medial.

---

<sup>13</sup> 'carapanã' é o termo regional utilizado para denominar 'pernilongo'



O fone nasal palatal [ɲ] ocorre em *Ataque* de sílaba, precedendo vogais nasais em sílabas iniciais, mediais e finais.

- (21) a. [muɲāmbi 'a]                      'anel'  
       b. ['ɲũŋ]                              'fezes'  
       c. [aɲũ 'mbɛ]                      'onde?'  
       d. [mɛ 'ɲũ]                           'jacu'

#### 3.1.4 Tepe

O fone tepe alveolar [ɾ] ocorre em *Ataque* silábico no interior de palavra, não se verificando sua ocorrência em início de palavra ou em posição de *Coda* silábica.

- (22) a. [ɛa 'ɾa]                            'canoa'  
       b. [ɛɾɛ 'pɔ]                          'cipó'  
       c. [mɔhɔ 'ɾɔ]                          'tipiti'  
       d. [uru 'kutɾ]                          'coruja'  
       e. [aku 'ɾi]                            'cotia'

#### 3.1.5 Lateral

O fone alveolar [l] ocorre em *Ataque* silábico, em posição inicial e medial de palavra não acontecendo em *Coda*.

- (23) a. [u' riulu]                    'batata'  
       b. [hu' lu ʔɛ<sup>h</sup>]                'trovão'  
       c. [toimo' lãnia]              'contar'

### 3.1.6 Fricativas

A fricativa surda interdental [θ], ocorre em *Ataque* de sílaba, em posição inicial e medial, precedendo vogais, não se verificando sua ocorrência em *Coda*.

- (24) a. [waθa' ʔi]            'açai'  
       b. [mu' θɛ]            'pimenta'  
       c. [ipɔ' θɛθɛ]        'mão direita'

O fone fricativo bilabial [β] ocorre em *Ataque* de sílaba, em posição inicial e medial de palavra, precedendo vogais, exceto o fone [i]. Neste caso, ocorre o fone [w] como vemos em (28 a.-b.)

- (25) a. [βɛβa' to]                    'anta'  
       b. [βa: ' ku]                    'bom'  
       c. [aβa' rɛ]                    'cachorro'  
       d. [iwɨ' hap']                  'machado'

O fone fricativo alveolar [s] ocorre em *Ataque* de sílaba, precedendo vogais em posição inicial ou medial. Sua ocorrência em *Coda* não foi verificada.

- (26) a. [su' ki]                    'cesto'

- b. [sɔk<sup>ˈ</sup> pɛ]            ‘roupa’
- c. [tuʔi<sup>ˈ</sup> sa]            ‘chefe’
- d. [mu<sup>ˈ</sup> sɛ]            ‘pimenta’

O fone fricativo glotal [h] ocorre em *Ataque* de sílaba, precedendo vogais em posição inicial ou medial. Não ocorrendo em *Coda*.

- (27) a. [hai<sup>ˈ</sup> tɪ]            ‘corda’
- b. [ˈha:t<sup>ˈ</sup>]            ‘fruta’
- c. [iwɪ<sup>ˈ</sup> hap<sup>ˈ</sup>]        ‘machado’
- d. [sa<sup>ˈ</sup> hu]            ‘tatu’

### 3.1.7 Aproximantes

O fone bilabial [w] ocorre em *Ataque* de sílaba em posição inicial e medial de palavra, precedendo vogais.

- (28) a. [awɪa<sup>ˈ</sup> tɔ]            ‘onça’
- b. [ɪwɪ<sup>ˈ</sup> tu]            ‘vento’
- c. [wa<sup>ˈ</sup> hi]            ‘colar’
- d. [wa<sup>ˈ</sup> ku]            ‘bom’
- e. [pu:<sup>ˈ</sup> wi]            ‘inajá’

O fone palatal [j] ocorre em *Ataque* de sílaba, precedendo vogal, em posição inicial e medial de palavra.

- (29) a. [ku'ja] 'cuia'
- b. [jaʔa'pɛ] 'casca'
- c. [jã'mbɛ] 'chocalho'
- d. [ja'tuk] 'muito'
- e. [toja'wa] 'flechar'

### 3.2 FONES VOCÁLICOS

A língua Sateré-Mawé possui 18 fones vocálicos que serão descritos a partir de sua altura (alto-fechado, médio-fechado, médio-aberto e baixo), posição (anterior, central e posterior) e formação dos lábios (não-arredondado e arredondado). O inventário de fones segue na tabela abaixo:

(30) Fones vocálicos

	NÃO-ARREDONDADO						ARREDONDADO		
	ANTERIOR			CENTRAL			POSTERIOR		
	ORAL	NASAL	LONGA	ORAL	NASAL	LONGA	ORAL	NASAL	LONGA
<b>ALTO-FECHADO</b>	i	ĩ	i:	ɨ	ɨ̃	ɨ:	u	ũ	u:
<b>MÉDIO-FECHADO</b>		ẽ						õ	
<b>MÉDIO-ABERTO</b>	ɛ		ɛ:				ɔ		ɔ:
<b>BAIXO</b>				a	ã	a:			

Apresentamos a seguir a distribuição dos fones vocálicos agrupados pela altura e ordenados como orais, nasais e longos.



### 3.2.1 Vogais altas

Os fones vocálicos altos fechados realizam-se quanto à posição e ao arredondamento como: anterior não-arredondado [i], central não-arredondado [ɨ] e posterior arredondado [u]. Ocorrem como núcleo em sílaba inicial, medial e final de palavra.

- (31) a. [ipotɨ'ʔa]      'peito'                      b. [haki'ʔi]      'morcego'  
c. [mi'ʔi]      'ele'                      d. [apɛ'ʔi]      'barata'

- (32) a. [ɨ'ʔɨ]      'água'                      b. [a:tɨ'pɨ]      'céu'  
c. [hai'tɨ]      'corda'                      d. [kɨ'ha]      'babaçu'

- (33) a. [a'hut̃]      'papagaio'                      b. [su:'hu]      'fumo'  
c. [u'kɨt̃]      'sal'                      d. [su'ki]      'cesto'

Os fones vocálicos nasais distinguem-se de seus correlatos orais pelo traço de nasalidade. Realizam-se respectivamente quanto à posição e ao arredondamento como: anterior não-arredondada [ĩ], central não arredondada [ɛ̃] e posterior arredondada [ũ]. Ocorrem como núcleo em sílaba inicial, medial e final de palavra.

- (34) a. [pɔhĩ'ãɳ]      'camarão'                      b. [ikɨt̃'sĩɳ]      'branco'  
c. [mu'sĩɳ]      'quati'                      d. [hãĩ'ʔĩ]      'sauim'

- (35) a. [i' tɛ̃m] 'liso' b. [ja' sɛ̃m] 'picar'  
 c. [waã' ndɛ̃m] 'noite' d. [mĩn' sɛ̃m] 'mamar no peito'
- (36) a. [mĩ' nũ] 'jacu' b. [wãndi' ʔũ] 'carapanã'  
 c. [ɲũ' ɲgãɲ] 'tucano' d. [hãũ' ʔãɲ] 'macaco'

Os fones vocálicos longos [i:], [ɛ̃:] e [u:] realizam-se quanto à posição e ao arredondamento como seus correlatos orais não-longos. Ocorrem como núcleo em sílaba inicial, medial e final de palavra.

- (37) a. ['mĩ:t] 'gente' b. [iti' ri:k] 'coceira'  
 c. ['hĩ:t] 'pequeno' d. [i' pi:t] 'corpo dele'
- (38) a. [ipɔ' hĩ:t] 'flor' b. [tĩ: 'pĩ] 'dois'  
 c. ['ĩ:i] 'terra' d. [hĩ:d 'ʔi] 'beija-flor'
- (39) a. [su: 'hu] 'fumo' b. ['hu:] 'sangue'  
 c. [u: 'ʔi] 'farinha' d. [ʔiʔa' hu:] 'febre'

### 3.2.2 Vogais médias

Os fones vocálicos médios abertos realizam-se respectivamente quanto à posição e ao arredondamento como: anterior não-arredondado [ɛ] e posterior arredondado [ɔ]. Ocorrem como núcleo em sílaba inicial, medial e final de palavra.

- (40) a. [mɛ 'tapʷ] 'casa' b. [tɔ 'tɛkʷ] 'cortar'  
 c. [mɔɾɔpɛ 'ʔi] 'borboleta' d. [aβa 'ɾɛ] 'cachorro'

- (41) a. ['mɔi] 'cobra' b. [hiɾɔ 'katʷ] 'criança'  
 c. [mɔhɔ 'ɾɔ] 'tipiti' d. [ɿɾɿ 'pɔ] 'cipó'

Os fones vocálicos médios-fechados nasais realizam-se quanto à posição e ao arredondamento como: anterior não-arredondado [ɛ̃] e posterior arredondado [õ]. Ocorrem como núcleo em sílaba inicial, medial e final de palavra.

- (42) a. [hẽ 'ŋgu] 'língua dele' b. [imɛ 'ʔẽŋ] 'tripa'  
 c. [iwẽ 'ʔã] 'coração dele' d. [mɛɲẽ 'mbɛ] 'aí'  
 (43) a. [tɔ 'hõŋ] 'engolir' b. [pɔ 'ʔõŋ] 'mais'  
 c. [wɛmõ 'ndi] 'vergonha' d. [hõ 'mbɿ] 'orvalho'

Os fones vocálicos [ɛ:] e [ɔ:] realizam-se quanto à posição e arredondamento como seus correlatos orais não-longos. O fone [ɛ:] ocorre como núcleo em posição inicial, medial e final de palavra. O fone [ɔ:] ocorre como núcleo em sílaba tônica travada por oclusivas.

- (44) a. [tɛ: 'nupʷ] 'alimentar' b. [mu 'sɛ:] 'pimenta'  
 c. [mãndɛ: 'ɾu] 'vagalume' d. [ipɛ: 'ka] 'pato'

- (45) a. [sa'pɔ:tʰ] 'escorpião' b. [i'wɔ:tʰ] 'pai'  
 c. [kara'wɔ:tʰ] 'cigarra' d. [mɔ:dʰʔi kaha'tɔ] 'ano'

### 3.2.3 Vogal baixa

O fone vocálico baixo realiza-se quanto à posição e ao arredondamento como central não-arredondada [a]. Ocorre como núcleo em sílaba inicial, medial e final de palavra.

- (46) a. [ʔaβi'ʔa] 'abelha' b. [i'a'ra] 'canoa'  
 c. [tu'wakʰ] 'chorar' d. [sa'pɔ:tʰ] 'escorpião'

O fone vocálico nasal [ã] realiza-se quanto à posição como seu correlato oral. Ocorre como núcleo em sílaba inicial, medial e final de palavra.

- (47) a. [hãñũ'ʔãñ] 'macaco' b. [ʔiʔã'nãm] 'nuvem'  
 c. [mã'ni] 'mandioca' d. [wã'ʔã] 'panela'

O fone vocálico [a:] realiza-se quanto à posição como seu correlato oral não-longo. Ocorre como núcleo em sílaba inicial, medial e final de palavra.

- (48) a. ['ha:tʰ] 'fruta' b. [sa:'ɾi] 'saúva'  
 c. [a:ti'pɿ] 'céu' d. [βa:'tɿ] 'lua'

### 3.3 ANÁLISE FONÊMICA

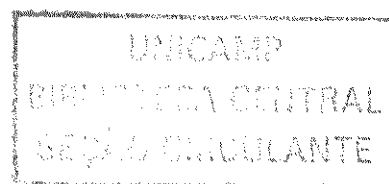
Para a análise dos segmentos da língua Sateré-Mawé, foram utilizados os procedimentos de análise fonêmica, seguindo-se os seguintes critérios: contrastes em ambiente idêntico ou análogo, distribuição complementar e variação livre. Utilizamos como base teórica os trabalhos de Pike (1947), Kindell (1981) e Burquest (1998).

O contraste em ambiente idêntico ocorre quando dois fones diferem em um mesmo ambiente, com distinção de significado entre duas palavras. Já o contraste em ambiente análogo diz respeito a dois fones que contrastam em ambientes foneticamente muito similares (análogos), mas não em ambiente idêntico, considerando que a diferença entre eles não pode ser atribuída a influência de sons adjacentes. Ambos consideram que o contraste se dá a partir da identificação das unidades fonêmicas da língua que ocorrem em substituição mútua.

Dois fones estão em distribuição complementar quando os ambientes em que ocorrem são mutuamente exclusivos, ou seja, o ambiente em que um fone ocorre nunca poderá ser o mesmo que outro e vice-versa.

A variação considera que dois fones podem variar livremente, quanto a suas manifestações fonéticas, sem causar distinção de significado. As variações livres e/ou condicionadas são realizações de uma só unidade fonêmica.

A análise fonêmica pressupõe que a língua a ser analisada funciona como um sistema composto de unidades mínimas que variam de acordo com o ambiente em que se encontram. Sendo assim, passemos à análise fonológica dos segmentos da língua Sateré-Mawé, a partir dos procedimentos distribucionais acima especificados.



### 3.3.1 SEGMENTOS CONSONANTAIS

#### 3.3.1.1 CONTRASTES

Abaixo relacionamos os pares mínimos dos segmentos consonantais que ocorrem em contraste em ambientes idênticos (CAI) ou em ambientes análogos (CAA), causando distinção entre as palavras. Inicialmente procuramos os pares de palavras que apresentam similaridades fonéticas, ou seja, que compartilham traços fonético-articulatórios.

a) Os fonemas /p/ e /m/ contrastam em ambiente idêntico como nos exemplos abaixo:

(49) a. /pi:t/    ['**p**i:t']    ‘corpo’

b. /mi:t/    ['**m**i:t']    ‘gente’

b) Os fonemas /p/ e /w/ contrastam em ambiente idêntico como nos exemplos abaixo:

(50) a. /pɪwo/    [pɪ'wɔ]    ‘verdade’

b. /wɪwo/    [wɪ'wɔ]    ‘com’ (companhia)

c) Os fonemas /m/ e /w/ contrastam em ambiente idêntico como nos exemplos abaixo:

(51) a. /moriʔa/    [mɔri'ʔa]    ‘flecha’

b. /woriʔa/    [wɔri'ʔa]    ‘gogó’

c. /mehĩ/    [mɛ'hĩ]    ‘parente’

d. /wehi/      [wɛ 'hi]      ‘urinar’

d) Os fonemas /m/ e /n/ contrastam em ambiente idêntico e/ou análogo<sup>14</sup> como nos exemplos abaixo:

- (52) a. /manã/      [mã 'nã]      ‘senhora’  
b. /nanã/      [nã 'nã]      ‘abacaxi’  
c. /samã/      [sa 'mã]      ‘pica-pau’  
d. /suanã/      [sua 'nã]      ‘camaleão’

e) Os fonemas /h/ e /ʔ/ ocorrem em ambiente idêntico e/ou análogo como nos exemplos abaixo:

- (53) a. /ihup/      [i 'hupˀ]      ‘vermelho’  
b. /iʔup/      [i 'ʔupˀ]      ‘coxa’  
c. /mihi/      [mi 'hi]      ‘ferida’  
d. /miʔi/      [mi 'ʔi]      ‘ele’  
e. /tohoŋ/      [to 'hõŋ]      ‘engolir’  
f. /poʔoŋ/      [pɔ 'ʔõŋ]      ‘mais’

f) Os fonemas /m/ e /ŋ/ contrastam em ambiente idêntico como nos exemplos abaixo:

---

<sup>14</sup> Apesar de alguns autores considerarem que a ocorrência de pares mínimos em CAI seja suficiente para a definição de fonema (Silva, 2001), optamos por apresentar também a ocorrência em ambiente análogo CAA, uma vez que pares mínimos em CAI não são muito frequentes.

- (54) a. /mîp/    ['mîpˀ]    'forno'  
       b. /ŋîp/    ['ŋîpˀ]    'piolho'

g) Os fonemas /t/ e /r/ contrastam em ambiente análogo como nos exemplos abaixo:

- (55) a. /kuituʔɛ/    [kuituˀʔɛ]    'cuspir'  
       b. /kuiruʔa/    [kuiruˀʔa]    'jamaru'  
       c. /i-potiʔa/    [ipotiˀʔa]    'peito dele'  
       d. /moriʔa/    [moriˀʔa]    'flecha'

Existem outros pares de palavras que evidenciam contrastes em ambiente idêntico e análogo na língua Sateré-Mawé, mas entre fones que não compartilham semelhança fonética e que, portanto, não se adequam ao critério de contrastes já definidos. A título de conhecimento apresentamos alguns pares de ocorrência:

(56)									
a.	/w/ e /h/	/kîwa/	[kîˀwa]	'pente'	/kîha/	[kîˀha]	'babaçu'		
b.	/p/ e /s/	/mupe/	[muˀpɛ]	'sonho'	/muse/	[muˀsɛ]	'pimenta'		
c.	/p/ e /s/	/apeʔi/	[apeˀʔi]	'barata'	/haseʔi/	[haseˀʔi]	'avô'		
d.	/k/ e /p/	/i-kaŋ/	[iˀkãŋ]	'osso dele'	/i-pan/	[iˀpãŋ]	'ele cava'		
e.	/h/ e /ŋ/	/hap/	[ˀhapˀ]	'pena'	/ŋap/	[ˀŋapˀ]	'caba'		



### 3.3.1.2 DISTRIBUIÇÃO COMPLEMENTAR

Considera-se que dois fones estão em distribuição complementar quando os ambientes em que ocorrem são mutuamente exclusivos. Na língua Sateré-Mawé foram encontrados alguns segmentos que funcionam no sistema da língua como alofones de um mesmo fonema. Abaixo relacionamos as ocorrências de distribuição complementar da língua Sateré-Mawé.

Os fones [p<sup>ˀ</sup>], [mb] e [p] ocorrem em distribuição complementar nos seguintes ambientes:

a) [p<sup>ˀ</sup>] ocorre em *Coda* silábica, precedendo consoantes oclusivas e silêncio.

- (57) a. /makuptia/    [makup<sup>ˀ</sup>ti'a]    'moça'  
b. /muʔap/    [mu'ʔap<sup>ˀ</sup>]    'caminho'

b) [mb] ocorre depois de vogal nasal, em *Ataque* silábico, em posição medial de palavra.

- (58) a. /imēpɪt/    [imē' mbɪt<sup>ˀ</sup>]    'filho dele'  
b. /mejūpe/    [mɛɲū' mbɛ]    'aqui'

c) [p] ocorre nos demais ambientes.

- (59) a. /purure/    [puru'reɛ]    'enxada'  
b. /hapo/    [ha' pɔ]    'raiz'

Logo, [p<sup>ˀ</sup>], [mb] e [p] são alofones do fonema /p/.

Os fones [t<sup>ˀ</sup>], [nd] e [t] ocorrem em distribuição complementar nos seguintes ambientes:

a) [t<sup>ˀ</sup>] ocorre em *Coda* silábica precedendo consoantes oclusivas e silêncio.

- (60) a. /katpote/      [kat<sup>ˀ</sup>pɔ'tɛ]      'porque'  
b. /ukɛt/      [u'kɛt<sup>ˀ</sup>]      'sal'

b) [nd] ocorre depois de vogal nasal, em *Ataque* silábico, em posição medial de palavra.

- (61) a. /kamūti/      [kamū'ndi]      'pote'  
b. /wātiʔū/      [wāndi'ʔū]      'carapanã'

c) [t] ocorre nos demais ambientes.

- (62) a. /tɛ:pɛ/      [tɛ:'pɛ]      'dois'  
b. /uruto/      [uru'tɔ]      'nós'

Logo, [t<sup>ˀ</sup>], [nd] e [t] são alofones do fonema /t/.

Os fones [k<sup>ˀ</sup>], [ŋg] e [k] ocorrem em distribuição complementar nos seguintes ambientes:

a) [k<sup>ˀ</sup>] ocorre em *Coda* silábica, precedendo consoantes oclusivas e silêncio.

- (63) a. /sokpe/ [sok<sup>ˀ</sup> 'pɛ] 'roupa'  
b. /pɛrɛk/ [pɛ 'rɛk<sup>ˀ</sup>] 'rato'

b) [ŋg] ocorre depois de vogal nasal, em *Ataque* silábico, em posição medial de palavra.

- (64) a. /amũkiusu/ [amũŋgiu 'su] 'algodão'  
b. /hẽku/ [hẽ 'ŋgu] 'língua'

c) [k] ocorre nos demais ambientes.

- (65) a. /kɛha/ [kɛ 'ha] 'babaçu'  
b. /hakiʔi/ [haki 'ʔi] 'morcego'

Logo, [k<sup>ˀ</sup>], [ŋg] e [k] são alofones do fonema /k/.

Em Sateré-Mawé, os segmentos oclusivos pré-nasalisados [mb], [nd] e [ŋg] estão em distribuição complementar com duas séries de sons ao mesmo tempo: com as oclusivas surdas [p], [t] e [k] e com as nasais plenas [m], [n] e [ŋ], respectivamente. Tanto as oclusivas surdas quanto as nasais plenas representam diferentes fonemas, uma vez que contrastam em diferentes ambientes. Os segmentos de contorno [mb], [nd] e [ŋg] (foneticamente, oclusivas com contorno nasal), comuns nas línguas Tupi podem, portanto, ser considerados variantes, tanto dos fonemas oclusivos [p], [t] e [k], quanto dos

fonemas nasais [m], [n] e [ŋ]. Uma vez que o critério distribucional não nos permite resolver o problema, optamos por considerar tais segmentos como de contorno, caracterizando o processo fonológico de passagem de um ambiente nasal para outro oral, com ganho progressivo de vozeamento tendo em vista que em Sateré-Mawé não existem séries de oclusivas vozeadas. Neste sentido, consideramos [mb], [nd] e [ŋg] como variantes dos fonemas [t], [d] e [k], respectivamente.

Os fones [m̩] e [m] são foneticamente semelhantes e ocorrem em distribuição complementar nos seguintes ambientes:

a) [m̩] ocorre em *Coda* silábica, precedendo silêncio.

- (66) a. /iʔanam/      [ʔiʔa' nãm̩]      ‘capim’  
 b. /taʔam/      [ta' ʔãm̩]      ‘subir’  
 c. /waãndĩm/      [waã' ndĩm̩]      ‘noite’

b) [m] ocorre nos demais ambientes.

- (67) a. /moroʔeʔi/      [moroʔe' ʔi]      ‘borboleta’  
 b. /muse/      [mu' sɛ]      ‘pimenta’  
 c. /amĩap/      [amĩ' apˀ]      ‘banco’

Logo, [m̩] e [m] são alofones do fonema /m/.

Os fones [ŋ̩] e [n] são foneticamente semelhantes e ocorrem em

distribuição complementar nos seguintes ambientes:

a) [ŋ] ocorre em *Coda* silábica, precedendo silêncio.

- (68) a. /hun/            [ 'hũŋ]            ‘preto’  
b. /man/            [ 'mãŋ]            ‘beiju’  
c. /ikĩtsin/        [ikĩt˘ 'sĩŋ]        ‘branco’

b) [n] ocorre nos demais ambientes.

- (69) a. /nup/            [ 'nup˘]            ‘pedra’  
b. /inĩt/            [i˘ 'nĩt˘]            ‘irmã’  
c. /anehu/            [anɛ˘ 'hu]            ‘calango’

Logo, [ŋ] e [n] são alofones do fonema /n/.

Os fones [ɲ] e [ɳ] são foneticamente semelhantes e ocorrem em distribuição complementar nos seguintes ambientes:

a) [ɲ] ocorre em *Coda* silábica, precedendo silêncio.

- (70) a. /muhaɲ/        [mu˘ 'hãɲ]        ‘remédio’  
b. /tohoɲ/        [to˘ 'hõɲ]        ‘engolir’  
c. /ĩhiɲ/        [ĩ˘ 'hĩɲ]        ‘fumaça’

b) [ŋ] ocorre nos demais ambientes.

- (71) a. /ŋap/            [ ' ŋap ˀ ]            ‘caba’  
      b. /ŋaʔapɪ/        [ŋaʔa ' pɪ]            ‘mato’  
      c. /iŋaŋ/           [i ' ŋãŋ]            ‘seco’

Logo, [ŋ] e [ɲ] são alofones do fonema /ŋ/.

Os fones [ɲ] e [j] são foneticamente semelhantes e ocorrem em distribuição complementar nos seguintes ambientes:

a) [ɲ] ocorre diante de vogais nasais em posição inicial e medial.

- (72) a. /jũm/            [ ' ɲũm ˀ ]            ‘lá’  
      b. /mejũpe/        [mɛɲũ ' mbɛ]            ‘aqui’  
      c. /muʔujã/        [muʔu ' ɲã]            ‘dedo’

b) [j] ocorre nos demais ambientes.

- (73) a. /jaʔape/           [jaʔa ' pɛ]            ‘costa’  
      b. /tojawa/        [toja ' wa]            ‘marido’  
      c. /kuja/            [ku ' ja]            ‘cuia’  
      d. /jãpe/            [jã ' mbɛ]            ‘chocalho’

Logo, [ɲ] e [j] são alofones do fonema /j/.

Para o reconhecimento dos fonemas tanto consonantais quanto vocálicos da língua Sateré-Mawé seguimos basicamente o critério distribucional. Assim, através de distribuição complementar escolhemos o fone [j] para representar o fonema da língua, pois tal segmento possui uma distribuição menos limitada que o alofone [ɲ], uma vez que este só ocorre diante de vogal nasal. Outro fator a favor de nossa análise foi o tratamento acústico dado ao segmento, o que nos permite afirmar que sua ocorrência se dá diante de vogais nasais. Nos demais ambientes, sua realização é [ɲ<sup>j</sup>], em que o segmento alveolar [ɲ] possui uma articulação primária (dental) e uma articulação secundária (palatal).

### 3.3.1.3 VARIAÇÃO LIVRE

Variação livre é estabelecida quando, nos mesmos ambientes, um fone pode ser realizado foneticamente de maneira diferente sem com isso acarretar mudança de significado. Abaixo apresentamos os pares de segmentos consonantais que ocorrem em variação livre na língua Sateré-Mawé.

Os fones [ɾ] e [l] ocorrem em variação livre em posição medial de palavra.

- (74) a. /uriuru/      [u'ɾiuru]      ~    [u'ɾiulu]      'batata'  
b. /toimorânia/ [toimo'ɾânia] ~ [toimo'lânia] 'contar'  
c. /aware/      [aβa'ɾɛ]      ~    [aβa'lɛ]      'cachorro'

Deste modo, [ɾ] e [l] são variantes de um mesmo fonema, o tepe alveolar /ɾ/.





(77) Fonemas Consonantais

	bilabial	alveolar	palatal	velar	glotal
oclusiva	p	t		k	ʔ
nasal	m	n		ŋ	
tepe		r			
fricativa		s			h
aproximante	w		j		

Trabalhos anteriores sobre a fonologia da língua Sateré-Mawé (A. & S. Graham, 1978) não registram a ocorrência de oclusiva glotal em início de palavra. A análise acústica permite-nos, porém, comprovar sua ocorrência tanto em início quanto em meio de palavra diante de segmento vocálico. Em início de palavra, sua ocorrência se dá com certa variação de intensidade. Já em posição medial, o segmento é bem marcado, inclusive com contraste de pares em ambiente idêntico (cf. exemplos 53 a-d). Sendo assim, optamos por sustentar que em posição inicial de palavra há uma ocorrência puramente fonética por dois motivos. O primeiro leva em conta a intuição do falante, que não percebe sua ocorrência, considerando o segmento vocálico como em posição inicial. A segunda diz respeito à intensidade, como referido anteriormente. Diante de vogais altas /i/, /ɨ/ e /u/ a ocorrência da oclusiva glotal é bem marcada na análise espectrográfica. Já diante dos demais segmentos, ocorre em maior ou menor grau de intensidade. Portanto, em início de palavra, o fone oclusivo glotal [ʔ] manifesta-se como uma ocorrência fonética. Já em posição medial, ocorre como fonema /ʔ/.

A análise acústica também permitiu-nos observar o processo de laringalização das vogais orais seguindo e/ou precedendo a oclusiva glotal. Tal processo (aqui transcrito como “V̥”), é estritamente fonético, conforme exemplificado abaixo:

- (78) a. /awiʔa/      [ʔaβi' ʔa]      ‘abelha’  
       b. /apeʔi/      [ʔape' ʔi]      ‘barata’  
       c. /miʔi/      [mi' ʔi]      ‘ele’  
       d. /muʔap/      [mu' ʔapˀ]      ‘caminho’

### 3.3.2 SEGMENTOS VOCÁLICOS

#### 3.3.2.1 CONTRASTES

Na língua Sateré-Mawé há ocorrência de contraste entre pares de segmentos vocálicos. Segundo Burquest (1998:57), a noção de similaridades de traços é, em geral, uma orientação segura para a comparação dos fones vocálicos. Por isso, a comparação dos fones [i], [a] e [u] não é necessária, porque é de se esperar que ocorram em todas as línguas.

Uma vez que na língua verificou-se a ocorrência de fones orais, nasais e longos, optamos por comparar todos os pares de segmentos que diferem em mais de um traço. A seguir relacionamos os pares mínimos de segmentos que ocorrem em contraste em ambientes idênticos (CAI) ou em ambientes análogos (CAA).

Os fonemas /i/ e /u/ contrastam em ambiente idêntico como nos exemplos abaixo:

- (79) a. /wēkiʔa/      [βēŋgi' ʔa]      ‘saúva’  
       b. /wēkuʔa/      [βēŋgu' ʔa]      ‘pilão’  
       c. /miʔi/      [mi' ʔi]      ‘ele’  
       d. /miʔu/      [mi' ʔu]      ‘comida’

Os fonemas /o/ e /e/ contrastam em ambiente idêntico e/ou análogo como nos exemplos abaixo:

- (80) a. /ipo/ [i 'pɔ] 'mão dele'  
 b. /ipe/ [i 'pɛ] 'pele dele'  
 c. /ipokpe/ [ipɔkʔ 'pɛ] 'pé'  
 d. /ipekpo/ [ipɛkʔ 'pɔ] 'asa'  
 e. /mohoro/ [mɔhɔ 'rɔ] 'tipiti'  
 f. /moherɛp/ [mɔhɛ 'rɛpʔ] 'mostrar'

Os fonemas /u:/ e /ɨ/ contrastam em ambiente idêntico e/ou análogo como nos exemplos abaixo:

- (81) a. /hu:/ ['hu:] 'sangue'  
 b. /hɨ/ ['hɨ] 'caldo'  
 c. /u:ʔi/ [u: 'ʔi] 'farinha'  
 d. /ɨʔɨ/ [ɨ 'ʔɨ] 'água'

Os fonemas /a:/ e /a/ contrastam em ambiente idêntico e/ou análogo como nos exemplos abaixo:

- (82) a. /a:hu/ [a: 'hu] 'doença'  
 b. /ahu/ [a 'hu] 'nosso'  
 c. /awati/ [aβa 'ti] 'milho'

- d. /wa:ti/    [[βa: 'ti]    'lua'  
 e. /awiʔa/    [aβi 'ʔa]    'abelha'  
 f. /a:wi/    [a: 'βi]    'agulha'

Os fonemas /u:/ e /u/ contrastam em ambiente idêntico como no exemplo abaixo:

- (83) a. /su:p/    ['su:pː]    'aqui mesmo'  
       b. /sup/    ['supː]    'esperma'

Os fonemas /ɛ/ e /a/ contrastam em ambiente idêntico como no exemplo abaixo:

- (84) a. /ɛp/    ['ɛpː]    'piolho'  
       b. /ap/    ['apː]    'caba'

Os fonemas /i/ e /ɛ:/ contrastam em ambiente análogo como no exemplo abaixo:

- (85) a. /atipɛ/    [a:ti'pɛ]    'céu'  
       b. /tɛ:pɛ/    [tɛ: 'pɛ]    'dois'

Os fonemas /ũ/ e /u/ contrastam em ambiente análogo como no exemplo abaixo:

- (86) a. /upiʔũ/ [upi'ʔũ] 'meruim'<sup>15</sup>  
 b. /ukiʔu/ [uki'ʔu] 'grilo'

Os fonemas /a/ e /ã/ contrastam em ambiente análogo como no exemplo abaixo:

- (87) a. /awiʔa/ [aβi'ʔa] 'abelha'  
 b. /siʔã/ [si'ʔã] 'vagina'

Semelhantemente ao que ocorre com os segmentos consonantais, existem contrastes de fones vocálicos que não apresentam semelhança fonética. Do mesmo modo que procedemos com as consoantes, apresentamos abaixo exemplos de pares de segmentos vocálicos deste tipo.

- (88) a. /a/ e /u:/ /sahu/ [sa'hu] 'tatu' /su:hu/ [su:'hu] 'fumo'  
 b. /u/ e /o/ /nup/ ['nup̃] 'pedra' /nop/ ['nop̃] 'amargo'  
 c. /a:/ e /u:/ /a:wi/ [a:'βi] 'agulha' /u:wi/ [u:'βi] 'minhoca'  
 d. /a/ e /o/ /ihairu/ [ihai'ru] 'dançar' /ihoiro/ [ihoi'ro] 'ralhar'  
 e. /e/ e /i/ /toʔe/ [to'ʔe] 'dizer' /toʔi/ [to'ʔi] 'vamos'  
 f. /a/ e /i/ /sɪʔat/ [sɪ'ʔat̃] 'fome' /sɪʔit/ [sɪ'ʔit̃] 'pássaro  
 peq.'  
 g. /a/ e /ɛ/ /wahi/ [wa'hi] 'colar' /wehi/ [wɛ'hi] 'urinar'

<sup>15</sup> 'meruim' é o termo regional utilizado para denominar 'mosquito'

### 3.3.2.2 DISTRIBUIÇÃO COMPLEMENTAR

A noção de distribuição complementar dos segmentos dentro da palavra é a de que no sistema da língua os fones constituem alofones de um mesmo fonema. No Sateré-Mawé é verificada a ocorrência de distribuição complementar entre fones vocálicos que descreveremos a seguir.

a) O fone vocálico alto central nasalizado [ɛ̃] encontra-se em distribuição complementar com seu correlato oral, tendo em vista que [ɛ̃] ocorre somente antes de consoante nasal /m/ em sílaba final tônica, enquanto que [ɛ] ocorre nos demais ambientes.

- (89)
- |               |               |          |
|---------------|---------------|----------|
| a. /ɲɛ̃p/     | [ 'ɲɛ̃p̃ ]    | ‘piolho’ |
| b. /iharɛ̃ʔi/ | [iharɛ̃ 'ʔi]  | ‘esposa’ |
| c. /mɛ̃p/     | [ 'mɛ̃p̃ ]    | ‘forno’  |
| d. /itɛ̃m/    | [i 'tɛ̃m̃]    | ‘liso’   |
| e. /temisɛ̃m/ | [temi 'sɛ̃m̃] | ‘mamar’  |
| f. /jasɛ̃m/   | [ja 'sɛ̃m̃]   | ‘picar’  |

Logo, o fone [ɛ̃] é alofone do fonema /ɛ̃/ em ambiente nasal.

b) O fone vocálico médio posterior nasalizado [õ] encontra-se em distribuição complementar com seu correlato oral, uma vez que [õ] ocorre antes de consoante nasal /ɲ/, enquanto [o] ocorre nos demais ambientes.

- (90)
- |                  |                   |            |
|------------------|-------------------|------------|
| a. /nop/         | [ 'nɔp̃ ]         | ‘amargo’   |
| b. /mohoro/      | [mɔhɔ 'rɔ]        | ‘tipiti’   |
| c. /ihotʔok/     | [ihɔd̃ 'ʔok̃]     | ‘dia’      |
| d. /poʔon/       | [pɔ 'ʔõŋ]         | ‘mais’     |
| e. /tohon/       | [tɔ 'hõŋ]         | ‘insultar’ |
| f. /womonmonhat/ | [ʔuɔmõŋmõŋ 'hat̃] | ‘médico’   |

Logo, o fone [õ] é alofone do fonema /o/ em ambiente nasal.

c) O fone vocálico médio posterior alongado [ɔ:] encontra-se em distribuição complementar com seu correlato oral, uma vez que [ɔ:] ocorre em sílaba travada pela oclusiva /t/ em posição tônica, enquanto que [ɔ] ocorre nos demais ambientes.

- (91)
- |               |               |             |
|---------------|---------------|-------------|
| a. /moriʔa/   | [mɔri 'ʔa]    | ‘flecha’    |
| b. /ipekpo/   | [ipɛk̃ 'pɔ]   | ‘asa’       |
| c. /hirok̃at/ | [hirɔ 'kat̃]  | ‘menino’    |
| d. /sapot/    | [sa 'pɔ:t̃]   | ‘escorpião’ |
| e. /karawot/  | [kara 'wɔ:t̃] | ‘cigarra’   |
| f. /iuwot/    | [iu 'βɔ:t̃]   | ‘pai’       |

Logo, o fone [ɔ:] é alofone do fonema /o/.

Considerando mais uma vez o princípio de simetria, esperaríamos que as ocorrências dos fones vocálicos médios anteriores; nasal [ẽ] e longo [ɛ:] obedecessem aos mesmos critérios de distribuição complementar do segmento posterior /o/, ou seja, fossem considerados alofones do fonema /e/. Contudo, não foram encontradas evidências nos dados que sustentassem tal análise.

### 3.3.2.3 QUADRO DE FONEMAS VOCÁLICOS

O inventário de fonemas da língua Sateré-Mawé apresenta 15 vogais: seis vogais orais, quatro vogais nasais e cinco vogais longas.

#### (92) Fonemas Vocálicos

	NÃO-ARREDONDADO						ARREDONDADO		
	ANTERIOR			CENTRAL			POSTERIOR		
	ORAL	NASAL	LONGA	ORAL	NASAL	LONGA	ORAL	NASAL	LONGA
ALTO	i	ĩ	i:	ɨ		ɨ:	u	ũ	u:
MÉDIO	e	ẽ	e:				o		
BAIXO				a	ã	a:			

Por condicionamento fonético as vogais médias /e/ e /o/ realizam-se como fones mais fechados [e] e [o] em sílabas travadas com consoantes nasais. Nos demais ambientes, a realização é sempre [ɛ] e [ɔ], respectivamente.

- (93) a. ['ẽn]                      'você'                      b. [amõŋgiu 'su]                      'algodão'
- c. [anɛ 'hu]                      'calango'                      d. [mɔho 'ɾɔ]                      'tipiti'



Como dito anteriormente, as vogais orais têm alofones laringalizados quando adjacentes à oclusiva glotal [ʔ], como vimos no exemplo 78, aqui repetido.

- |             |           |           |
|-------------|-----------|-----------|
| a. /awiʔa / | [ʔaβi'ʔa] | ‘abelha’  |
| b. /apeʔi/  | [ʔapɛ'ʔi] | ‘barata’  |
| c. /miʔi/   | [mi'ʔi]   | ‘ele’     |
| d. /muʔap/  | [mu'ʔapʰ] | ‘caminho’ |

Em sílaba tônica final, as vogais orais tendem a ser acompanhadas de uma certa aspiração. Este processo, aqui transcrito “V<sup>h</sup>”, é estritamente fonético e ocorre com mais frequência quando o *Ataque* da sílaba final é preenchido pela oclusiva glotal.

- |                                 |         |                               |               |
|---------------------------------|---------|-------------------------------|---------------|
| (94) a. [nupi'ʔa <sup>h</sup> ] | ‘cupim’ | b. [kuitu'ʔɛ <sup>h</sup> ]   | ‘cuspir’      |
| c. [βɛŋgu'ʔa <sup>h</sup> ]     | ‘pilão’ | d. [ipɛrɪko'ʔi <sup>h</sup> ] | ‘prisioneiro’ |

Vogais orais à esquerda de vogais nasais realizam-se como nasalizadas em maior ou menor grau dependendo da distância em relação à vogal nasal.

- |                |           |          |             |           |           |
|----------------|-----------|----------|-------------|-----------|-----------|
| (95) a. /waʔã/ | [wã'ʔã]   | ‘panela’ | b. /iweʔã/  | [iβẽ'ʔã]  | ‘coração’ |
| c. /hamiʔi/    | [hãmĩ'ʔi] | ‘sauim’  | d. /waranã/ | [warã'nã] | ‘guaraná’ |

Em sílaba tônica com *Coda* preenchida por consoantes oclusivas e nasais é comum o alongamento da vogal. O alongamento destes ambientes, porém, é estritamente fonético.

- (96) a. ['ha:tʰ]                    'fruta'                    b. [ipɔ'hɛ:tʰ]                    'flor'  
       c. [sa'pɔ:tʰ]                    'escorpião'                    d. ['mi:tʰ]                    'gente'
- (97) a. [ʔiʔa'nã:m̩]                    'capim'                    b. [ɛ:n̩]                    'você'  
       c. [ɪβɪ'hĩ:n̩]                    'nuvem'                    d. [ha'nũ:n̩]                    'arara'

As vogais longas da língua Sateré-Mawé serão tratadas com mais detalhe no próximo capítulo, como constituintes silábicos.

### 3.4 PROCESSOS MORFOFONÊMICOS

Em geral, ao se estudar a fonologia de uma língua, pretendemos considerar dois estágios de análise. O primeiro diz respeito ao estudo dos segmentos, como apresentado nas subseções anteriores, partindo do nível fonético até o fonológico, quando chegamos às representações abstratas dos sons. Depois chegamos à conclusão de que, ao descrever alguns contextos, há necessidade de se levar em conta o fato desses contextos estarem ligados a limites de morfemas ou ainda pertencer a determinada categoria lexical.

Em Sateré-Mawé, como em outras línguas Tupi, mudanças morfofonêmicas ocorrem com frequência em fronteira de morfema. A seguir serão descritas algumas ocorrências por nós observadas durante o trabalho de análise dos dados. Esperamos com isso fornecer subsídios fonológicos para futuras análises gramaticais da língua.

Os processos morfofonêmicos que ocorrem em Sateré-Mawé serão apresentados a seguir e podem ser enquadrados nas seguintes categorias:

1. Assimilação de consoantes: as oclusivas surdas /p/ e /k/ assimilam o traço de sonoridade da nasal precedente em fronteira de palavra tornando-se [b] e [g], respectivamente. A regra informal<sup>16</sup> é apresentada abaixo.

- (98) a. *Repres. Morfofonêmica* → /hanuʔan/ /ipɨʔa/  
b. queda do /i/  
vozeamento da oclusiva **b**  
c. *Repres. Fonológica* → /hanuʔan **p**ɨʔa/  
d. nasalização **ũ ã**  
e. *Repres. Fonética* → [hanũʔãn bɨʔa]  
‘fígado de macaco’

<sup>16</sup> Para a derivação morfofonêmica seguiremos as regras sugeridas em Burquest (1998). A representação ocorre na seguinte ordem: 1ª) representação morfofonêmica; 2ª) aplicação das regras morfofonêmicas; 3ª) representação fonológica; 4ª) aplicação de regras alofônicas; 5ª) representação fonética. Para mais informações sobre os níveis de representação, remeto a Burquest (1998:89)

- (99) a. *Repres. Morfofonêmica* → /ɨʔɨ/ /sam/ /kuriŋ/ /kahato/  
 b. vozeamento das oclusivas g g  
 c. *Repres. Fonológica* → /ɨʔɨ sam kuriŋ kahato/  
 ‘rio’ ‘estreito’ ‘muito’  
 d. *Repres. Fonética* → [ɨʔɨ sām gurĩŋ gahato]  
 ‘o rio é muito estreito’
- (100) a. *Repres. Morfofonêmica* → /uito/ /tunun/ / /kahato/ /wahi/  
 b. vozeamento da oclusiva g  
 assimilação ponto de articulação ŋ  
 c. *Repres. Fonológica* → /uito tunun kahato wahi/  
 ‘eu’ ‘fazer’ ‘muito’ ‘colar’  
 d. *Repres. Fonética* → [uito tunũŋ gahato wahi]  
 ‘faço muitos colares’

1.2 Oclusivas surdas em posição final de morfema tornam-se sonoras diante de vogais. Conforme regra informal abaixo:

/p,t, k/ → [b,d,g] /\_\_+V

- (101) a. *Repres. Morfofonêmica* → /mɨp/ /ʔɨat/  
 b. vozeamento da oclusiva b  
 c. *Repres. Fonológica* → /mɨp ʔɨat/  
 ‘forno’ ‘casa’  
 d. *Repres. Fonética* → [mɨbʷ ʔɨatʷ]  
 ‘casa do forno’
- (102) a. *Repres. Morfofonêmica* → /iwat/ /itɨ/  
 b. vozeamento da oclusiva d  
 c. *Repres. Fonológica* → /i- wat i- tɨ/  
 ‘3<sup>sg</sup> Poss.’ ‘3<sup>sg</sup> mãe’  
 d. *Repres. Fonética* → [iwadʷ itɨ]  
 ‘a mãe dele’

- (103) a. *Repres. Morfofonêmica* → /awɨato/ tɨwiok wiok/ /tapɨʔia/  
 b. epêntese do /u/ u  
 vozeamento da oclusiva g  
 c. *Repres. Fonológica* → /awɨato tɨwiok uwiok tapɨʔia/  
 ‘onça’ ‘arranhar’ ‘índio’  
 d. *Repres. Fonética* → [awɨato tɔwiɔg uwiokʰ tapɨʔia]  
 ‘a onça arranhou o índio’

2. Em fronteira de palavra, a oclusiva velar surda /k/ assimila a sonoridade da nasal que a precede, tornando-se [g]. O segmento nasal por sua vez torna-se, a velar /ŋ/, assimilando, assim, o ponto de articulação velar da consoante seguinte.

/k/ → [g]/ [C<sub>nasal</sub>]<sub>#</sub>\_\_

- (104) a. *Repres. Morfofonêmica* → /ipekpo/ /sam/ /ikɨtsin/ /kahato/  
 b. vozeamento da oclusiva g  
 assimilação do ponto de articulação ŋ  
 c. *Repres. Fonológica* → /ipekpo sam ikɨtsin kahato/  
 ‘asa’ ‘branco’ ‘muito’  
 d. *Repres. Fonética* → [ipekʰpɔ θãm ikɨtʰsɨŋ gahato]  
 ‘as asas são muito brancas’

- (105) a. *Repres. Morfofonêmica* → /iaʔape/ /sam/ /isɨm/ /kahato/  
 b. vozeamento da oclusiva g  
 assimilação do ponto de articulação ŋ  
 c. *Repres. Fonológica* → /iaʔape sam isɨm kahato/  
 ‘casca’ ‘liso’ ‘muito’  
 d. *Repres. Fonética* → [jaʔapɛθãm isɨŋ gahato]  
 ‘a casca é muito lisa’

2. Enfraquecimento consonantal: oclusivas surdas /p/ e /t/ em posição final de morfema tornam-se nasais, respectivamente /m/ e /n/, mantendo o mesmo ponto de articulação diante de /h/.

/p,t/ → /m,n/ / \_\_# h

- (106) a. *Repres. Morfofonêmica* → /iasap/ /hun/ /kahato/  
 b. vozeamento da oclusiva g  
 nasalização da oclusiva m  
 c. *Repres. Fonológica* → /i-a-sap hun kahato/  
 '3ªsg-cabelo' 'preto' 'muito'  
 d. *Repres. Fonética* → [ʔiasām hūn gahato]  
 'o cabelo é muito preto'
- (107) a. *Repres. Morfofonêmica* → /iwat/ /het/  
 b. nasalização da oclusiva n  
 c. *Repres. Fonológica* → /i- wat het/  
 '3ªsg Poss.' 'nome'  
 d. *Repres. Fonética* → [iwan hətʔ]  
 'o nome dela'

3. Dissimilação: os fonemas /ɨ/ e /u/ ocorrem em variação livre em posição medial e final de palavra sem mudança de significado.

- (108) a. /urukut/ [uru'kutʔ] ~ [uru'kɨtʔ] 'coruja'  
 b. /iripo/ [iru'pɔ] ~ [irɨ'pɔ] 'cipó'  
 c. /amukiusu/ [amũŋgiu'su] ~ [amũŋgiu'sɨ] 'algodão'

Este capítulo apresentou inicialmente a descrição fonética, seguida da análise fonológica e de alguns processos morfofonêmicos que ocorrem em Sateré-Mawé. A descrição fonética nos permitiu verificar a distribuição dos fones consonantais e vocálicos da língua. Já a análise fonológica, definiu os fones e alofones, formando, assim, o quadro de fonemas consonantais e vocálicos da língua Sateré-Mawé. Os processos morfofonêmicos, como já dissemos, foram tratados de forma preliminar: apresentamos aqui somente alguns processos que observamos quando na análise dos dados.

Passamos a análise da estrutura silábica da língua Sateré-Mawé que será apresentada no capítulo seguinte.

## 4. ESTRUTURA SILÁBICA

O objetivo deste capítulo é apresentar a estrutura da sílaba na língua Sateré-Mawé, considerando aspectos de seu padrão e de sua distribuição, além de sua organização dentro da palavra. Para isso, partimos do pressuposto de que sua constituição segue o padrão hierárquico de sonoridade do centro (*Núcleo*) para as extremidades (*Ataque* e *Coda*).

Os processos de silabificação e ressilabificação serão apresentados seguindo um padrão tipológico de ocorrência nas línguas do mundo e considerando processos fonológicos que acontecem quando da junção de morfemas.

Seqüências de segmentos vocálicos envolvendo glides /j/ e /w/ são tratadas levando em conta a função que estes segmentos desempenham na estrutura lingüística da língua. Para a análise consideramos não só a função, mas também as regras de distribuição desses segmentos na estrutura da palavra.

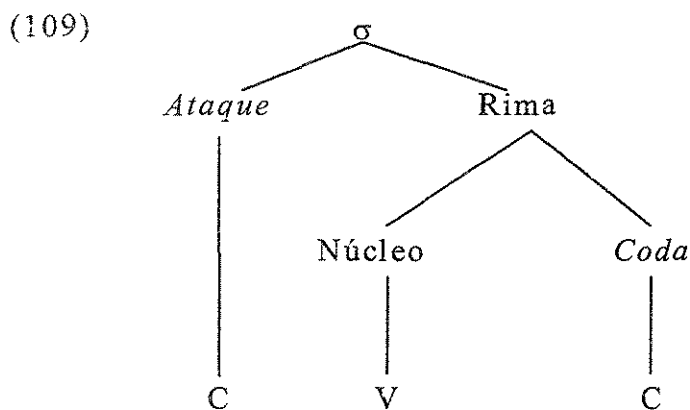
Apresentamos, ainda neste capítulo, uma análise da quantidade silábica com base na contagem de *moras*, com o objetivo de verificar a constituição da palavra mínima na língua, a partir do comportamento da vogal longa como constituinte silábico.

A análise da sílaba como estrutura hierarquicamente organizada em que surgem motivações e restrições em sua constituição fonológica torna-se imprescindível para se entender o funcionamento da língua como sistema. Neste sentido, apresentamos uma análise da estrutura silábica como um dos domínios fonológicos relevantes para a compreensão do sistema fonológico da língua Sateré-Mawé.

### 4.1 A sílaba

A sílaba é reconhecida na teoria fonológica como domínio natural para o estabelecimento de limitações na distribuição de sons e seqüências sonoras em

vários pontos. Pode ser caracterizada como um grupo de segmentos que são pronunciados juntos, em um movimento articulatorio. Pike (1947) definiu sílaba como uma estrutura constituída por um *Ataque*, um *peak* (ou núcleo) e uma *Coda*. Estudos fonológicos posteriores<sup>17</sup>, sistematizaram em termos de hierarquia os elementos que a constituem. Assim, a estrutura silábica é constituída por um elemento opcional, o *Ataque*, e por um obrigatório, a *Rima*, que, por sua vez, subdivide-se em *Núcleo*, também obrigatório, e uma *Coda*, opcional.



O conceito de hierarquia de sonoridade na definição de sílaba está ligado ao fato de que a sonoridade é maior no centro da sílaba (núcleo silábico) e menor nas adjacências (*Ataque* e *Coda*). Esse conceito é facilmente apreendido, uma vez que sonoridade está relacionada ao grau de obstrução da passagem de ar que permite, por exemplo, que as vogais altas sejam menos sonoras que vogais baixas. Nessa escala, os segmentos que apresentam maior sonoridade são mais baixos, como a vogal /a/, enquanto que os segmentos menos sonoros são mais altos, como as oclusivas surdas /p, t, k/. Vários estudiosos, entre eles Selkirk (apud. Hogg & McCully, 1987) e Hooper (1976), utilizam a classificação dos sons da linguagem em termos de uma escala para relacionar estrutura silábica e sonoridade. Nesse sentido, relacionar escala de sonoridade e estrutura silábica ajuda-nos a explicar vários fenômenos fonológicos, tais como, a formação de glides, ditongos e a sequência de segmentos ambivalentes nas margens silábicas.

<sup>17</sup> Hogg & McCully (1987), Kenstowicz (1994), entre outros



#### 4.1.1 Hierarquia de sonoridade

Seguindo o modelo proposto por Hogg & McCully (1987), baseado em Selkirk (1984a), propomos a seguinte escala de sonoridade para os fonemas da língua Sateré-Mawé.

(110) Tabela de hierarquia de sonoridade

Descrição	Fonemas	Valor de sonoridade
Vogal baixa	/a/	8
Vogais médias	/e, o/	7
Vogais altas	/i, ɨ, u/	6
Aproximantes	/w, j/	5
Tepe	/ɾ/	4
Nasais	/m, n, ŋ/	3
Fricativas	/s, h/	2
Oclusivas surdas	/p, t, k, ʔ/	1

Consideremos as seguintes palavras na língua Sateré-Mawé já com a aplicação da escala da sonoridade proposta:

(111) a. /sahu/	b. /ŋɨp/	c. /wewato/	d. /mukut/
2-8-2-6	3-6-1	5-7-5-8-1-7	3-6-1-6-1
“tatu”	“piolho”	“anta”	“embuá”

Obtivemos os seguintes resultados quanto ao número de sílabas: /sahu/ duas sílabas; /ŋɨp/ uma sílaba; /wewato/ três sílabas; /mukut/ duas sílabas. Nos exemplos, os segmentos vocálicos apresentam valores maiores de sonoridade em relação aos segmentos consonantais adjacentes, constituindo assim, o núcleo silábico. Nesses exemplos o pico de sonoridade coincide com o número de sílabas.

Apresentamos a seguir os tipos silábicos da língua Sateré-Mawé e sua distribuição.

#### 4.1.2 Tipos e distribuição silábica

Na língua Sateré-Mawé há quatro tipos silábicos **V**, **VC**, **CVC** e **CV**, que podem ser resumidos na fórmula básica **(C)V(C)**. Sílabas do tipo **V** não constituem palavras isoladas, mas se apresentam como sílaba inicial e final de palavras. Os tipos **VC**, **CV** e **CVC** podem constituir ou participar da constituição da palavra, porém palavras monossilábicas ocorrem em menor número na língua (remeto ao item 5.4 que trata da constituição da palavra fonológica). O tipo **CV** é o tipo mais comum na constituição prosódica das palavras e pode ocupar as posições inicial, medial e final. O tipo silábico **VC** ocorre com mais frequência em posição final de palavra. Abaixo seguem exemplos para cada um desses tipos silábicos.

##### -V-

- |                   |    |              |         |
|-------------------|----|--------------|---------|
| (112) <b>V.CV</b> | a. | /ĩ.ʔĩ/       | ‘rio’   |
| <b>V.CVC</b>      | b. | /u. kĩt/     | ‘sal’   |
| <b>V.CV.CV</b>    | c. | /a.ku.ri/    | ‘cotia’ |
| <b>CV.CV.CV.V</b> | d. | /mi.ʔi.ri.a/ | ‘eles’  |

##### -VC

- |                 |    |            |          |
|-----------------|----|------------|----------|
| (113) <b>VC</b> | a. | /ĩt/       | ‘não’    |
| <b>VC</b>       | b. | /en/       | ‘você’   |
| <b>V.CV.VC</b>  | c. | /a.mĩ.ap/  | ‘banco’  |
| <b>V.CV.VC</b>  | d. | /i.ʔa. ut/ | ‘chifre’ |

##### -CVC-

- |                  |    |              |              |
|------------------|----|--------------|--------------|
| (114) <b>CVC</b> | a. | /mĩp/        | ‘forno’      |
| <b>CVC.CV</b>    | b. | /sok. pe/    | ‘vestimenta’ |
| <b>V.CV.CVC</b>  | c. | /u.ru. kut/  | ‘coruja’     |
| <b>CV.CV.CVC</b> | d. | /ja.ʔa. man/ | ‘chuva’      |

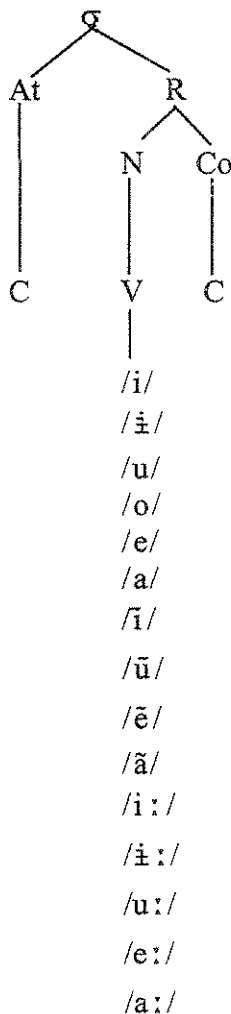
-CV-

- |          |    |            |          |
|----------|----|------------|----------|
| (115) CV | a. | /hĩ:/      | ‘caldo’  |
| CV       | b. | /su:/      | ‘sangue’ |
| CV.CV    | c. | /kĩ.ha/    | ‘babaçu’ |
| CV.CV.CV | d. | /mo.ho.ɾo/ | ‘tipiti’ |

Assim, pode-se dizer que na língua Sateré-Mawé há sílabas compostas por *Núcleo* apenas (V), por *Núcleo* e *Coda* (VC), por *Ataque*, *Núcleo* e *Coda* (CVC) e, ainda, por *Ataque* e *Núcleo* (CV).

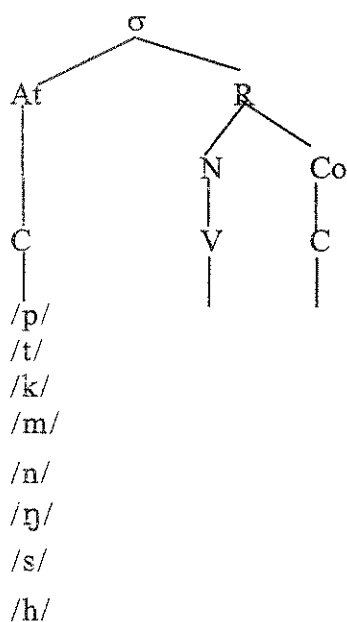
Quanto à distribuição, pode-se afirmar que qualquer um dos fonemas vocálicos da língua pode ocupar a posição de *Núcleo*, conforme quadro abaixo:

(116)



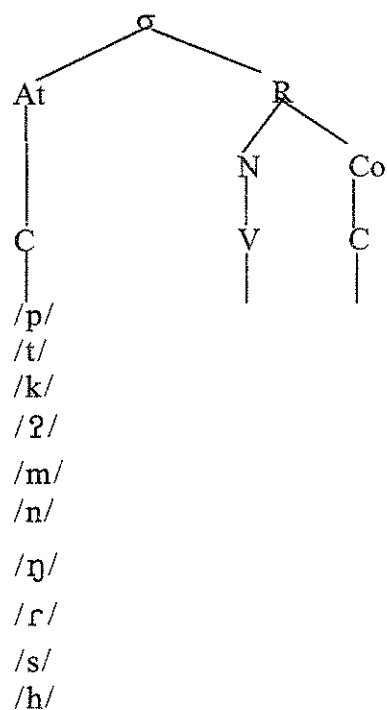
Todos os fonemas consonantais da língua podem ocorrer em *Ataque*. As restrições são com relação ao tepe /r/, que só ocorre em *Ataques* de sílabas mediais não aparecendo em *Ataques* iniciais. Quanto à oclusiva glotal /ʔ/, a análise acústica nos permite afirmar que este segmento ocorre em *Ataque* silábico, tanto em início de palavra quanto em posição medial. Porém, em início de palavra consideramos sua realização como uma ocorrência fonética. As seqüências de duas consoantes ocorrem separadas por limites de sílaba

(117) a.



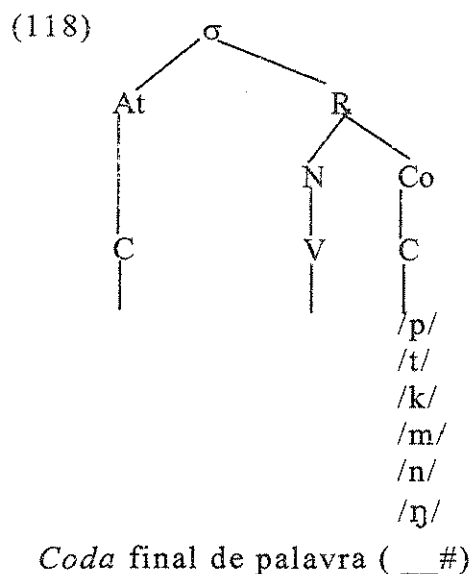
início de palavra (# \_\_)

b.



não iniciando palavra (\$ \_\_)

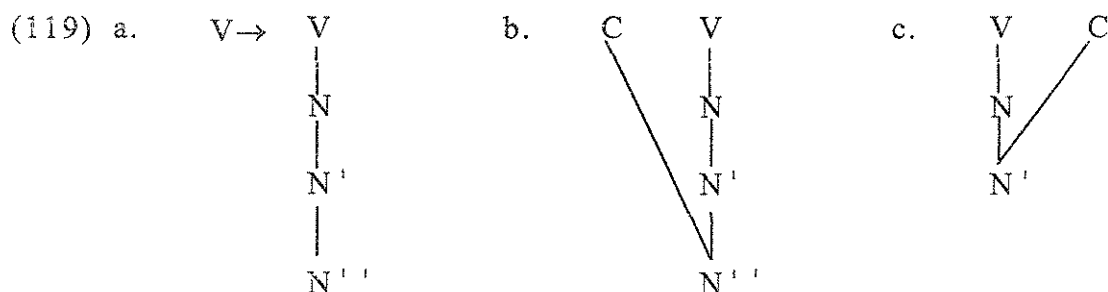
Somente os segmentos oclusivos e nasais ocorrem em posição de *Coda* em final de palavra.



As vogais orais ocorrem sem restrição nos quatro tipos silábicos. As vogais nasalizadas parecem ter restrições quando em posição inicial de palavra. Ocorrem nas demais posições, porém não temos registro de palavras monossilábicas constituídas apenas de vogal nasal.

#### 4.1.3 Silabificação

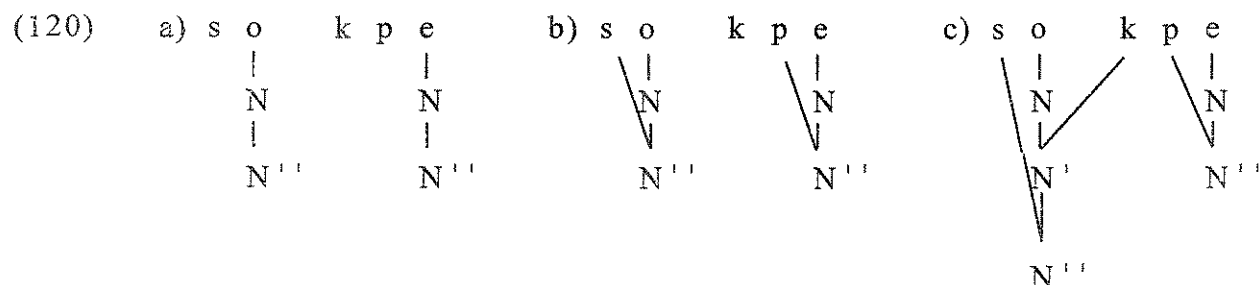
Como já visto, a sílaba tem sido tradicionalmente concebida como contendo um *Núcleo*, precedido por um elemento consonantal opcional em *Ataque*, e seguido por outro elemento consonantal opcional, em *Coda*. Núcleo e Coda constituem a *Rima*, componente obrigatório da sílaba. Segundo Kenstowicz (1994), o núcleo constitui a base da sílaba e de onde ela se distribui. As línguas possuem regras de distribuição que atribuem ao *Núcleo* o elemento menos consonantal e preenchem o *Ataque* e a *Coda* com um elemento mais consonantal, formando regras de distribuição interna na sílaba. Nesse sentido, obtivemos a distribuição dos componentes da sílaba representada abaixo.



As distribuições em (a) e (b) constituem as duas regras de silabificação mais comuns nas línguas do mundo, que restringem o padrão silábico a V e CV. Contudo, muitas línguas aumentam seu padrão adicionando um segmento à *Coda*, conforme representado em (c), obtendo assim padrões como VC, representado no esquema, ou ainda VC e CVC.

As regras representadas acima aplicam-se na ordem indicada. Com isso, seqüências como VCV silabificamos como [V.CV], com o único elemento intervocálico preenchendo o *Ataque* da segunda sílaba. A silabificação [VC.V] é incomum e só ocorre a partir de regras específicas de línguas particulares.

Considerando os tipos silábicos apresentados na seção 4.1.2, podemos postular para a língua Sateré-Mawé as regras de silabificação de uma palavra como /sokpe/ 'roupa' seguindo os passos propostos por Kenstowicz: a) atribuição de *Núcleo*, b) atribuição de *Ataque* e c) atribuição de *Coda*, representados, respectivamente, a seguir.



A língua Sateré-Mawé, assim como outras línguas, explora a regra apresentada em (c), obtendo um inventário dos tipos V, CV, VC e CVC. Uma consequência disso é a não existência de palavras que iniciem ou finalizem com seqüências de consoantes, da mesma forma que, em meio de palavras, as seqüências existentes são separadas por limite de sílaba, como visto no processo de silabificação da palavra /sokpe/, silabificada em 120 (a,b,c). Como já vimos, a língua Sateré-Mawé só admite como núcleo silábico os elementos vocálicos do seu inventário. Todas as consoantes podem preencher a posição de *Ataque*. Já a *Coda* só é preenchida por oclusivas e nasais.

Segmentos prévocálicos tendem a privilegiar o preenchimento do *Ataque* silábico. Em muitas línguas esse processo permanece mesmo em limites de morfemas e de palavras. O resultado é um desalinhamento entre a estrutura morfológica e a estrutura prosódica da língua.

Em Sateré-Mawé ocorrem ressilabificações em limites de palavras que se dá independentemente das fronteiras entre morfemas. Por conta disso, as fronteiras morfológicas podem coincidir ou não com as fronteiras silábicas<sup>18</sup>.

- (121)
- |   |  |
|---|--|
|   | /jakare/ /hekatuʔu/ /pira/ /ikaŋ/ hat/     |
| a. Apagamento da vogal mais à direita /i/ | i  |
| <i>Representação fonológica</i>           | /jakare he- katuʔu pira i-kaŋ hat/         |
|   | Jacaré 3sg'morder' 'peixe' 3sg'perna'-Nom. |
| <i>Representação fonética</i>             | [ja.ka.rɛ.hɛ.ka.tu.ʔu.pi.ra.kã.hatʰ]       |
|   | 'o jacaré mordeu a perna do pescador'      |
|   | /ewat/ /esokpe/                            |
| b. Sonorização da oclusiva                | d  |
| <i>Representação fonológica</i>           | /e- wat/ /e- sokpe/                        |
|   | 2sg Poss. 2sg 'roupa'                      |
| <i>Representação fonética</i>             | [ɛ.wa.dɛ.sɔkʰ.pɛ]                          |
|   | 'sua roupa'                                |

<sup>18</sup> no processo de ressilabificação apresentado a acentuação não foi considerada

O encontro de duas vogais em fronteira de palavra ocasiona o apagamento de uma delas, geralmente aquela que se encontra à direita na seqüência. (cf. 121a.).

#### 4.1.4. Glides

De acordo com Burquest (1998) alguns segmentos nas línguas são foneticamente ambíguos. Os fones bilabial [w] e palatal [j], por exemplo, são considerados ambíguos, pois podem ser interpretados ora como vogal (V) ora como consoante (C). Em início de palavra e entre vogais, [j] e [w] comportam-se como consoantes (cf. 3.1.7), mas, quando em seqüência com vogais, estes segmentos comportam-se mais como vogais do que como consoantes. Seqüências de vogais envolvendo /i/ e /u/ normalmente formam glides, ou seja, dois segmentos vocálicos que têm um único núcleo (oposto a ditongos que seriam duas vogais formando um núcleo complexo com duas unidades de tempo).

Na língua Sateré-Mawé, é comum encontrarmos seqüências de segmentos vocálicos percebidos como constituintes da mesma sílaba. Foneticamente, o segmento aproximante palatal [j] e a vogal alta anterior [i] são muito similares devido ao movimento articulatorio. O mesmo ocorre com o segmento bilabial [w] e a vogal alta posterior [u].

Nesse sentido, foneticamente não há evidências que nos ajudem a verificar qual decisão tomar para representar o segmento. Passamos então para a análise de alguns exemplos de seqüências [wV] e [jV] em posição inicial e medial de palavra.

##### 4.1.4.1 Seqüências de segmentos em *Ataque*

Em Sateré-Mawé, tanto em posição inicial quanto em posição medial, seqüências de segmentos ambíguos envolvendo vogais altas ocorrem, conforme exemplos (b), (c), (e) e (f) abaixo:



- (122) a. [kɛ̃. 'ha]      'babaçu'  
       b. [ia. 'tukʔ]      'muito'  
       c. [ku. 'ia]      'cuia  
       d. [kɛ̃. 'sɛ]      'faca'  
       e. [ua. 'hi]      'colar'  
       f. [ua.sa. 'ʔi]      'açai'

Para podermos interpretar os segmentos, recorreremos à estrutura silábica da língua, a partir de padrões silábicos que não apresentam ambigüidades, como em (a) e (d). Nos exemplos, os segmentos vocálicos [ɛ̃] e [a] são claramente vogais que ocupam a posição de núcleo silábico por serem os elementos mais sonoros da seqüência. Já a oclusiva surda [k] e as fricativas [s] e [h] são comprovadamente consoantes, pois são menos sonoras que as vogais e ocupam posições adjacentes ao núcleo. Assim, ao analisarmos a ocorrência desses segmentos a partir da estrutura silábica, consoantes e vogais são tratadas em termos fonêmicos, seguindo o padrão CV para os outros exemplos apresentados.

Outra interpretação seria considerar os exemplos (a) e (d) como padrão silábico CV e os outros exemplos como padrão VV, ou seja, dois padrões. Mas isso nos levaria a apresentar para a mesma análise duas interpretações.

Assim, considerando o padrão estrutural da língua, interpretamos as seqüências [wV] e [jV], seguindo o padrão silábico CV, ou seja, quando ocupam a posição de *Ataque* silábico, os segmentos [u] e [i] passam a se comportar como consoantes e convertem-se em glides devido à pressão da estrutura silábica, adaptando-se assim ao padrão silábico CV, conforme abaixo:

- (123) a. CV.CV      /kɛ̃ha/      [kɛ̃. 'ha]      'babaçu'  
       b. CV.CVC      /jatuk/      [ia. 'tukʔ]      'muito'

- |    |          |          |              |         |
|----|----------|----------|--------------|---------|
| c. | CV.CV    | /kuja/   | [ku. 'ia]    | ‘cuia   |
| d. | CV.CV    | /kise/   | [kɨ 'sɛ]     | ‘faca’  |
| e. | CV.CV    | /wahi/   | [ua. 'hi]    | ‘colar’ |
| f. | CV.CV.CV | /wasaʔi/ | [ua.sa. 'ʔi] | ‘açai’  |

Passamos agora a análise das seqüências onde os segmentos ambivalentes ocorrem em posição de *Coda* silábica.

#### 4.1.4.2 Seqüências de segmentos em *Rima*

Em Sateré os segmentos [i] e [u] também ocupam a posição final de sílaba, conforme exemplos abaixo:

- (124) a. [hai. 'tɨ]      ‘corda’  
           b. [βɛi. 'ta]      ‘pássaro’  
           c. [ha. 'βiu]      ‘sujo’  
           d. [ku. 'siu]      ‘macaco cuxiu’

A interpretação de segmentos ambíguos ocupando a posição final de sílaba pode levar em conta duas possibilidades. A primeira é considerar o padrão silábico da língua e verificar se o segmento ocorre exatamente na mesma posição em que segmentos não-ambíguos ocorram. A outra possibilidade é verificar se em posição final de sílaba não existe a ocorrência de consoantes, mas seqüência de vogais formada por vogais médias e baixas.

Para a interpretação de segmentos ambíguos em posição final de sílaba na língua Sateré-Mawé, verificamos as duas possibilidades. Inicialmente a primeira pareceu-nos mais adequada, uma vez que a *Coda* na língua é restrita a oclusivas e nasais, segmentos comprovadamente consonantais, conforme, exemplos:

(125) a. [i.pot̚. 'pa:p̚] 'trabalho'

b. [p̥. 'r̥k̚] 'rato'

c. [ʔia.ʔa. 'mã̃̃] 'chuva'

d. [ta. 'ʔã̃̃] 'subir'

e. [mu. 'hã̃̃] 'remédio'

Contudo, a língua também admite algumas seqüências de vogais médias e baixas em posição final de sílaba, como se segue.

(126) a. [ʔa.tɛa. 'mã̃̃] 'tucandeira'

b. [i.pɔɛ. 'hã̃] 'barulho'

c. [m̥.rɛa.ʔa. 'sap̚] 'cachos de pupunha'

A distribuição das vogais nos dados leva-nos à interpretação dos segmentos como vogais [i] e [u]. Nos exemplos apresentados acima, encontramos seqüências que incluem vogais médias como [ɛa] e [ɔɛ] que são pouco prováveis de serem interpretadas como glides. Tal interpretação só seria aceitável se não existissem na língua seqüências incluindo vogais altas (Burquest, 1998:156). Mas em Sateré-Mawé encontramos seqüências [ɔɛ], distintas de [ai]. Por isso, não seria possível interpretar [ai] e [ɔɛ] como padrão VC, tendo em vista que somente uma aproximante [j] corresponde à vogal alta [i]. Portanto, em posição final de sílaba, os segmentos ambíguos [i] e [u] são interpretados como vogais.

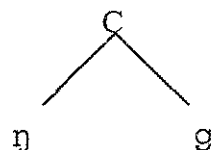
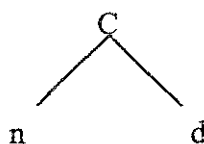
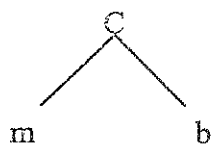
A interpretação de glides ou vogais altas é somente um recurso que nos

ajuda a definir a função do segmento na palavra. Quando ocorrem entre consoantes, ou entre consoante e final de palavra, a função é de vogal, pois são os elementos mais sonoros da seqüência. Mas quando em seqüência de vogais, é preciso definir qual a função que o segmento desempenha na palavra e considerar a pressão estrutural da língua.

#### 4.1.4.3 Seqüências ambíguas

Outra forma em que dados fonéticos podem ser ambíguos é quando ocupam a função ou de duas unidades fonológicas ou somente uma. Isso se verifica tanto com vogais quanto com consoantes. Em Sateré-Mawé as seqüências de segmentos pré-nasalizados [mb], [nd] e [ŋg] são consideradas ambíguas, pois são dois segmentos consonantais que ocupam a posição de consoante no tipo silábico padrão CV:

(127)



A interpretação como uma única consoante ocupando a posição de *Ataque* na estrutura silábica é preferível, se considerarmos que a língua não admite seqüências de segmentos consonantais. Outro fator é que essas seqüências ocorrem na posição em que outras consoantes não-ambíguas podem ocorrer:

- |                                    |                       |
|------------------------------------|-----------------------|
| (128) a. [imē 'mbɨtʰ] 'filho dele' | d. [pɨ 'rɨkʰ] 'rato'  |
| b. [kamū 'ndi] 'pote'              | e. [su 'ki] 'cesto'   |
| c. [βēŋgi 'ʔa] 'saúva'             | f. [apɛ 'ʔi] 'barata' |

Fones que representam transição fonética são sempre ambíguos. Nesses

casos, a decisão deve ser feita verificando se a transição contrasta com sua ausência ou não, e se a transição pode ser analisada como fonêmica. Na análise dos segmentos [mb], [nd] e [ŋg], verificamos que são restritos ao *Ataque* silábico em posição medial de palavra e foneticamente essas seqüências alternam com consoantes não-ambíguas, preservando o padrão CV da língua. Portanto, seqüências de segmentos do tipo [mb], [nd] e [ŋg] são admitidas no nível fonético, pois caracterizam segmentos de contorno (oclusivas com contorno nasal), evidenciando transição fonética progressiva de um ambiente nasal para outro oral, em distribuição complementar com os segmentos oclusivos [p], [t] e [k], respectivamente.

Passamos agora à quantidade silábica para definição da palavra mínima em Sateré-Mawé.

#### 4.1.5 Quantidade silábica

Na teoria métrica de Hayes (1995), a estrutura silábica está altamente relacionada ao acento na palavra. O autor assume que sílabas são unidades que são agrupadas na estrutura métrica (p.49).

Entre as regras que determinam o lugar do acento, a que distingue o peso silábico e agrupa sílabas em leves e pesadas é a que nos parece mais adequada para analisar a questão do alongamento vocálico que ocorre na língua Sateré. Considerando a abordagem de Hayes e a quantidade silábica, os tipos de sílabas da língua podem ser agrupados em duas classes: sílabas dos tipos CV e V são leves; sílabas CVC, VC e aquelas com vogais longas são pesadas. Hayes observa ainda que, em termos prosódicos, o elemento que preenche o *Ataque* é inerte. Por conta disso, o tipo VC é equivalente a CVC e V: equivalente a CV:.

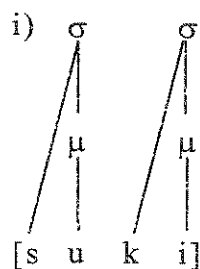
Segundo Hayes (1995, p.49), duas abordagens são pertinentes a partir desse agrupamento. Na teoria da constituição silábica, a sílaba é assinalada por uma estrutura particular interna em que é estipulado que somente alguns constituintes podem ser prosodicamente ativos. A outra abordagem explicita as

unidades de peso da sílaba em *moras* (simbolizada como  $\mu$ ), em que os segmentos prosodicamente ativos são marcados como tais por moras que são unidades às quais a estrutura métrica pode referir-se.

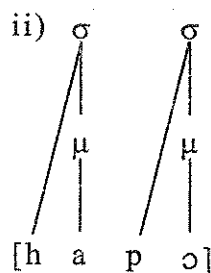
Para a análise da quantidade silábica da língua Sateré-Mawé, optamos por considerar as unidades prosódicas como moras, uma vez que, na teoria de constituição silábica, a distinção entre sílabas leves e pesadas se resume a uma rima ramificada e não-ramificada. Da mesma forma, o critério de peso da vogal longa (V:) se resume à caracterização de um núcleo ramificado ou não-ramificado.

Vejamos então como fica a questão do alongamento da vogal na língua Sateré-Mawé com base na contagem de moras da sílaba. Consideremos os exemplos abaixo:

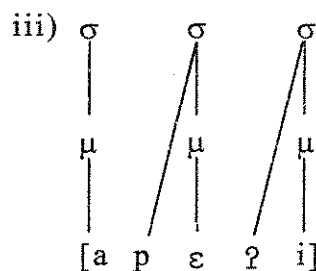
(129) a. CV e V;



‘cesto’

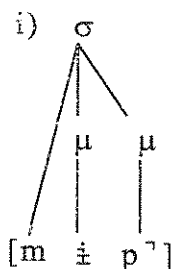


‘raiz’



‘barata’

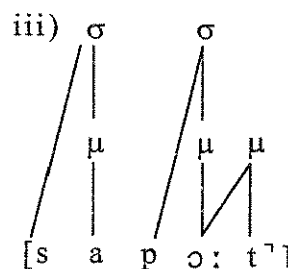
b. CVC, CVV, CVVC;



‘forno’



‘sangue’

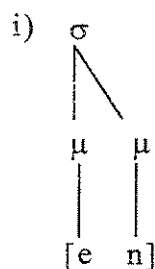


‘escorpião’

Hayes (1995:52) usa o termo '*Weight by Position*' (peso através de posição) para se referir à regra de silabificação que atribui uma mora ao segmento pós-vocálico dentro da sílaba (cf. 4.1.3). Em 129a. (i, ii, iii) observa-se a atribuição de uma mora ao segmento prosodicamente licenciado dentro da sílaba, o que corresponde à composição de sílabas leves. Os exemplos em 129b. (i, ii, iii) ilustram a atribuição de uma mora ao elemento pós-vocálico, constituindo o que o autor considera peso através de posição. Em 129b. (iii) a atribuição de duas moras à sílaba final não altera o agrupamento das sílabas em leves e pesadas nem cria um novo tipo silábico, tendo em vista que o tipo CVVC equivale prosodicamente ao tipo VC. Segundo Hayes, nenhuma língua licencia uma mora ao segmento que preenche o *Ataque*, o que explica a universal ausência de quantidade silábica baseada no *Ataque*.

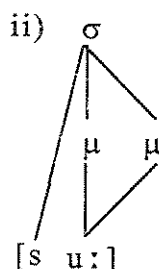
Um dos argumentos a favor da teoria de contagem de moras é a possibilidade de constituição de palavra mínima na língua. Para a constituição de palavra mínima em Sateré-Mawé considerando os elementos prosódicos, analisaremos os exemplos abaixo:

(130)



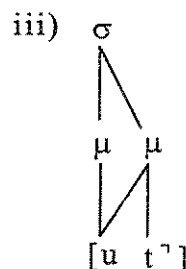
/en/

'tu/você'



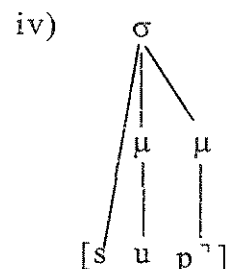
/su/

'sangue'



/ut/

'bicho'



/sup/

'aqui'

A constituição de palavra mínima na língua Sateré-Mawé se dá, portanto, a partir da atribuição prosódica de, no mínimo, duas moras à estrutura silábica, conforme exemplificado em 130 (i, ii, iii e iv). A constituição da palavra mínima

na língua representa um importante papel na definição do acento, que trataremos a seguir.

O estudo da estrutura silábica da língua Sateré-Mawé nos permitiu observar os padrões silábicos e sua distribuição dentro da palavra. Foi verificado que a língua apresenta restrições quanto à ocorrência de segmentos em *Ataque* e *Coda* e que o *Núcleo* admite apenas elementos vocálicos. As Seqüências de segmentos considerados ambíguos foram atestados em posição de *Ataque* e *Coda* silábicas. Da mesma forma, as oclusivas pré-nasalizadas, também consideradas ambíguas, ocorrem na língua. Utilizamos a estrutura silábica como base para a resolução dos problemas, tanto para a análise das seqüências em *Ataque* e *Coda*, quanto para a análise das seqüências pré-nasalizadas. Ainda neste capítulo, verificamos a ocorrência da quantidade silábica para a definição da palavra mínima. Tal definição, torna-se muito importante para as considerações sobre o acento, objeto de estudo do próximo capítulo.



## 5 CONSIDERAÇÕES SOBRE ACENTO EM SATERÉ-MAWÉ

Neste capítulo pretendemos fazer considerações sobre o acento na língua Sateré-Mawé, verificando sua ocorrência em palavras simples e compostas.

Num primeiro momento, adotamos os pressupostos teóricos da análise fonêmica, que basicamente considera o segmento vocálico como o elemento da sílaba que pode ser acentuado. Em seguida, propomos uma análise preliminar do acento dentro da palavra, seguindo bases teóricas da abordagem métrica do acento. Nesse modelo, a sílaba que contém a vogal acentuada é considerada o núcleo da palavra. Finalmente, faremos considerações sobre a constituição da palavra fonológica considerando traços segmentais e prosódicos.

Contudo, ressaltamos que não chegamos a uma conclusão definitiva. Uma análise mais adequada do acento na língua Sateré-Mawé está em aberto para futuras pesquisas.

Como acontece com outras línguas do tronco Tupi, como a língua Kamaiurá Seki (2000:419), o acento é predizível na última sílaba da palavra.

### 5.1 Acento em palavras simples

Na língua Sateré-Mawé, as palavras simples podem ser constituídas por uma ou mais sílabas, conforme exemplos abaixo:

- |       |            |                |           |
|-------|------------|----------------|-----------|
| (131) | a. /sup/   | [ ' sup ː ]    | ‘esperma’ |
|       | b. /man/   | [ ' mǎn ]      | ‘beiju’   |
|       | c. /suki/  | [ su ' ki ]    | ‘cesto’   |
|       | d. /mukut/ | [ mu ' kut ː ] | ‘embuá’   |
|       | e. /akuri/ | [ aku ' ri ]   | ‘cotia’   |

- f. /muse/            [mu 'sɛ]            'pimenta'
- g. /museʔɪp/        [musɛ 'ʔɪp̃]           'pimenteira'

Como podemos observar nos dados apresentados acima, o acento recai sempre na sílaba final da palavra simples. Nos exemplos (f) e (g), temos uma amostra de como o acento se comporta quando a palavra é formada a partir da composição nome+sufixo. Neste caso a palavra é composta por um nome /muse/ 'pimenta' mais um sufixo /ʔɪp/, que designa 'árvore'. Podemos verificar que o acento primário transfere-se para o sufixo permanecendo na última sílaba da palavra complexa. O mesmo ocorre nos exemplos em (132) abaixo:

- (132) a. /miʔi/            [mi 'ʔĩ]            'ele'
- b. /miʔiria/        [miʔiri 'a]        'eles'
- c. /wasaʔi/        [wasa 'ʔi]        'açai'
- d. /wasaʔiʔɪp/    [wasaʔi 'ʔɪp]    'açaizeiro'

Podemos dizer que o acento é predizível, sempre incidindo na última sílaba da palavra simples, não sendo, portanto, distintivo na língua Sateré-Mawé.

## 5.2 Acento em palavras compostas

Em Sateré-Mawé a composição também pode ser feita pela junção de duas palavras simples para formar outra. Vejamos os exemplos (a) e (b) apresentados abaixo:

(133)

- a) /awi 'ʔa/ + /hɪ/        = /awi ʔa 'hɪ/  
     "abelha"    "caldo"        = "mel de abelha"

- b) /hu: 'wi/ + /wato/ = /hu:, wi wa 'to/  
 “gavião” “grande” = “gavião real”
- c) /ariaʔɪp/ + /ihup/ = /aria, ʔɪbi 'hup/  
 ‘árvore’ ‘vermelho’ = ‘pau-brasil’

Na junção de duas palavras simples para formar outra, o acento permanece fixo na última sílaba de cada palavra. Porém, o grau de intensidade da primeira palavra é mais fraco em relação à segunda, ou seja, o grau de emissão fonética é mais forte na última sílaba da palavra composta.

### 5.3 Análise métrica preliminar do acento na palavra

O estudo do acento tem representado um importante papel para a teoria fonológica. Em *The Sound Pattern of English (SPE)*, Chomsky & Halle (1968), o acento é tratado como propriedade particular do segmento, sendo sua localização determinada por seqüências lineares. Liberman & Prince (1977) consideram o acento como tendo uma organização hierárquica baseada na estrutura silábica. Em sua análise Liberman & Prince propõem uma revisão de algumas das sete propriedades do acento sugeridas no SPE, cujo objetivo foi demonstrar que uma análise mais adequada do acento deve considerar os constituintes sintáticos e morfológicos ao invés de se basear quase que exclusivamente no peso da vogal.

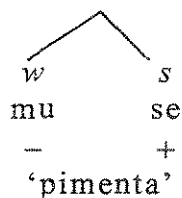
A teoria métrica do acento sugere que, uma vez que queremos demonstrar os níveis acima da palavra, devemos construir uma árvore métrica (*metrical trees*) que reflita a estrutura sintática. Apesar de estarmos conscientes de que uma análise do acento dentro da estrutura sintática é importante para o entendimento de alguns processos da língua Sateré-Mawé. Limitaremos nosso estudo investigando principalmente o acento na palavra (simples e compostas). Assim, pretendemos explicar, por exemplo, as ocorrências de vogais longas em sílabas não acentuadas e ainda como o acento se comporta em palavras

compostas.

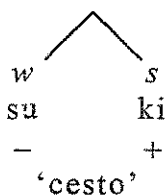
De acordo com a teoria fonológica métrica proposta por Liberman & Prince (op. cit.), para mostrar a proeminência relativa de cada constituinte dentro da árvore métrica, cada nó é marcado com *s* que significa '*stronger*' (forte), ou *w* '*weaker*' (fraco).

Como dito anteriormente, esta abordagem considera que a estrutura interna da palavra é organizada silabicamente. Então, cada sílaba na palavra terá um constituinte métrico, ou seja, uma palavra monossilábica como /mîp/ 'forno' terá um constituinte métrico; palavras dissilábicas terão dois constituintes métricos e assim por diante. Vejamos como fica a aplicação da árvore métrica nos exemplos de palavras dissilábicas simples da língua Sateré-Mawé que não apresentam ambigüidade de interpretação:

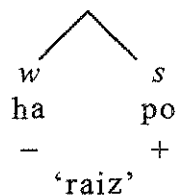
(134) a.



b.

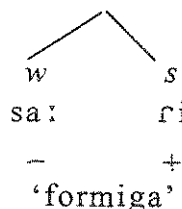


c.

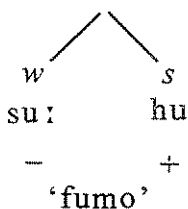


Podemos verificar que o nó *s* mostra a sílaba de maior proeminência que recebe o traço [+acento]. Contudo, na língua Sateré-Mawé registra-se a ocorrência de vogais longas em sílabas não-acentuadas, como nos exemplos abaixo:

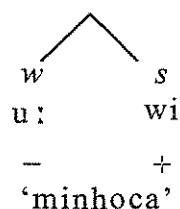
(135) a.



b.



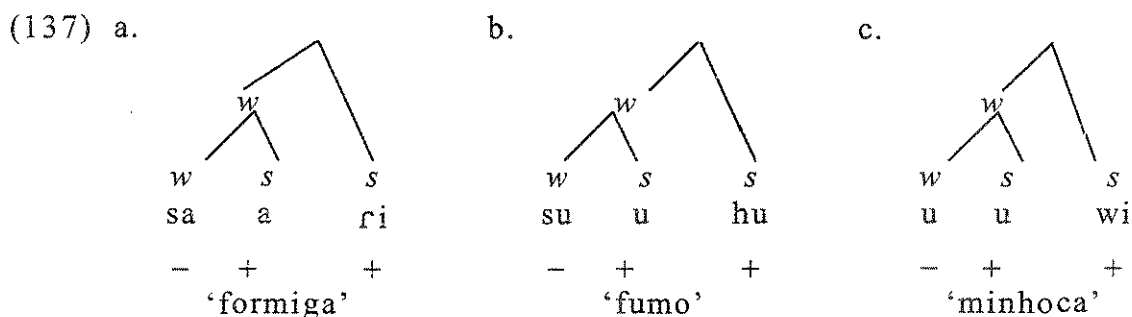
c.



Segundo Liberman & Prince existe uma correlação entre valores para o traço [ $\pm$ acento] e os nós (*s*, *w*) onde:

- (136) “If a vowel is *s*, then it is [+stress].  
Hence, if a vowel is [-stress], it is *w*.” (p. 256)

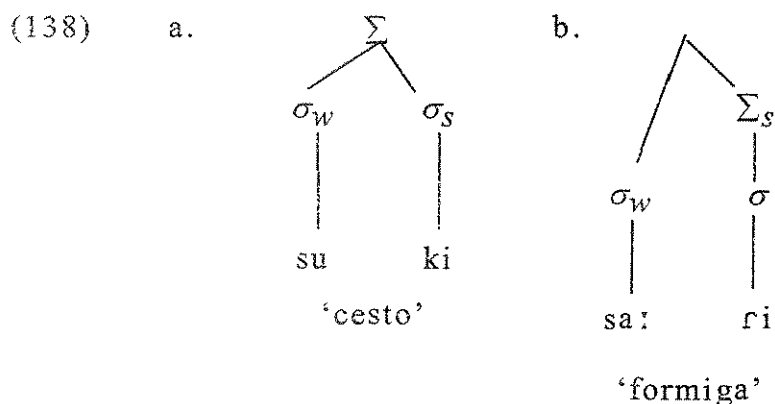
Essa premissa nos dá somente uma possível interpretação métrica para as palavras apresentadas no exemplo 135 (a-c): somente a sílaba final é acentuada. Vejamos como fica a árvore métrica destas palavras no exemplo (137):



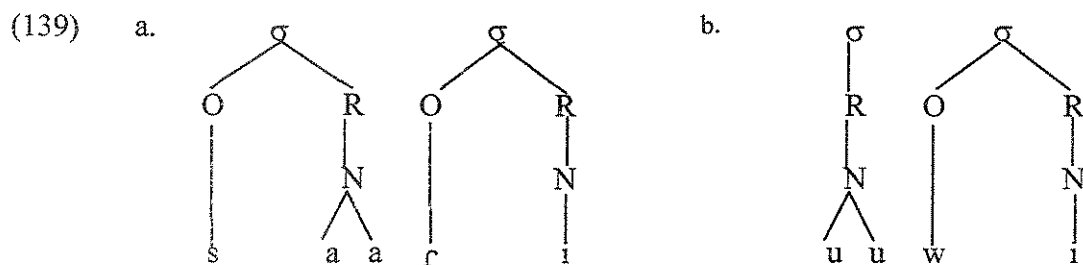
O objetivo da fonologia métrica é evidenciar todos os possíveis níveis de proeminência dentro da árvore métrica, por isso o traço [ $\pm$  acento] é mantido. Na análise dos exemplos acima, podemos perceber que a vogal ligada ao nó *s* está ligada ao nó *w*, que por sua vez recebe dois constituintes dentro da árvore métrica. Com isso podemos perceber que o alongamento da vogal em sílaba não acentuada é hierarquicamente organizado dentro da palavra. Outra evidência, que precisa de uma análise mais detalhada com base em mais dados, é a de que o acento em Sateré sempre é mantido mais a direita mesmo dentro da palavra.

Hogg & McCully (1987) sugerem uma reinterpretação da teoria métrica, onde, ao invés de identificar vogais como núcleo assinalado com o traço [+acento] como é feita numa descrição estrutural, é preferível identificar como núcleo a sílaba que contém a vogal com esse traço.

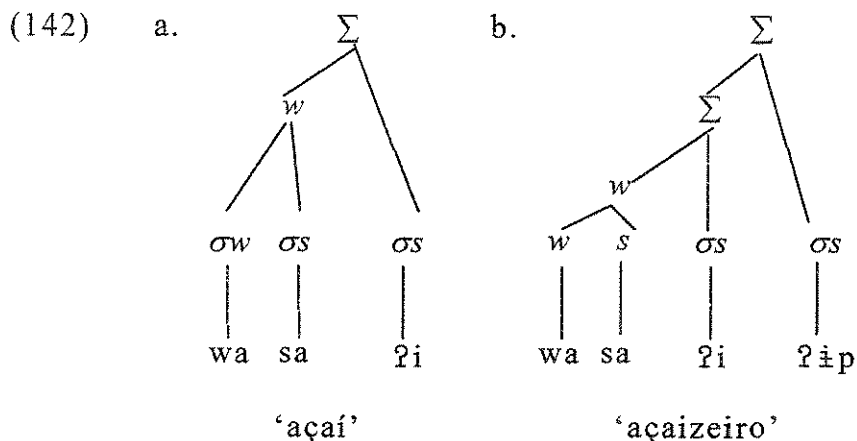
Nesse sentido, uma vez definido que o constituinte mais a direita da palavra é metricamente mais forte, ou seja, com o traço [+acento] e que os outros constituintes na estrutura métrica são mais fracos, podemos introduzir a noção de *pé métrico*, representado por  $\Sigma$ . Considere os exemplos da língua Sateré-Mawé nas construções abaixo:



Em 138 (a.) a sílaba mais a direita é o núcleo do pé métrico, pois recebe o traço [+acento], a primeira sílaba é considerada membro do mesmo pé, pois é o constituinte imediato na palavra. Em (b.), a primeira sílaba não pode ser membro do mesmo pé junto com a segunda sílaba. Isso se explica porque o constituinte que recebe o traço [+acento] é o núcleo do pé, pois ocupa a posição de constituinte mais a direita na palavra. A diferença entre as duas árvores é basicamente o grau de proeminência apresentado quando em uma sílaba não acentuada encontra-se uma vogal longa, ou seja, que apresenta uma estrutura ramificada (cf. 137 a-c). Isso nos dá evidências de que a vogal longa em Sateré-Mawé apresenta-se como constituinte de uma mesma sílaba com núcleo ramificado, conforme estrutura abaixo para as palavras /sa:ri/ 'formiga' e /u:wi/ 'minhoca'.



É importante ressaltar que o princípio acima utilizado para explicar estrutura métrica de palavras dissilábicas pode ser utilizado em palavras com



A organização silábica de uma palavra (simples ou composta) em função do padrão acentual cria-se um padrão rítmico, Como podemos verificar em (141a-b) e (142a-b). O padrão rítmico de uma palavra não se altera mesmo com a incorporação de novos elementos na estrutura da palavra.

Como já dissemos, além da sílaba e do pé métrico, é possível constatar unidades maiores, envolvendo os fenômenos rítmicos e entonacionais diante de um enunciado. Contudo, neste estudo, não analisaremos unidades maiores, tais como frases e enunciados. Delimitamos nossa análise ao nível da palavra.

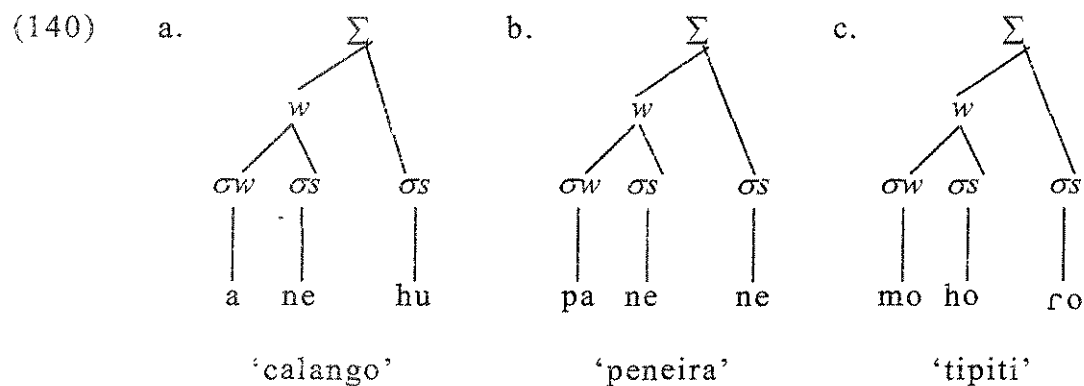
#### 5.4 Constituição de palavra fonológica

A palavra fonológica nas línguas do mundo nem sempre coincide com a palavra gramatical. Dixon e Aikhenvald (2002:13) definem palavra fonológica como: *“a phonological unit larger than the syllable which has at least one (and generally more than one) phonological defining property chosen from the following areas: segmental features, prosodic features and phonological rules”*.

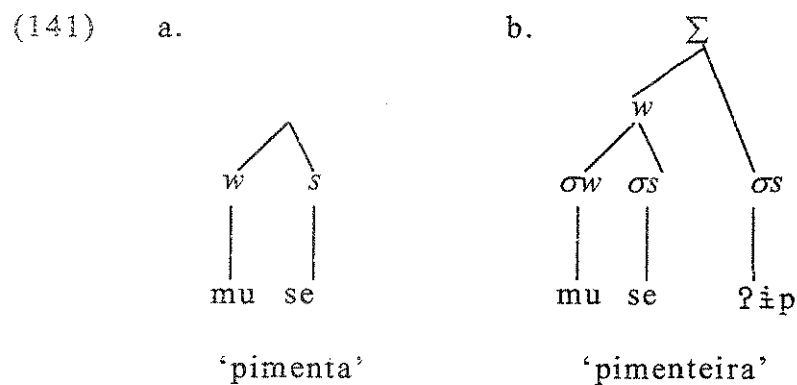
Definiremos palavra fonológica na língua Sateré-Mawé seguindo duas das três propriedades sugeridas pelos autores; traços segmentais e traços prosódicos.

A língua possui como morfemas radicais, afixos e clíticos. A palavra fonológica pode ser formada pela composição de radical+afixos e pela

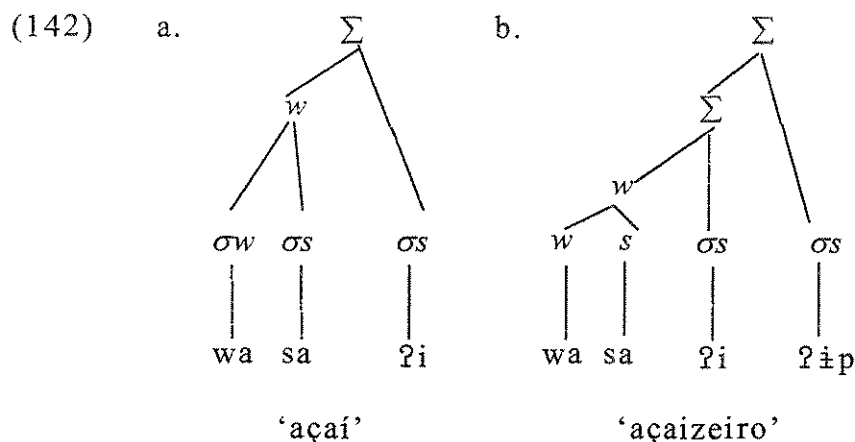
mais de duas sílabas, conforme abaixo:



Na composição de palavras feitas a partir da incorporação de um sufixo ao nome seguimos ainda o mesmo princípio. Isso ocorre porque o constituinte que recebe o traço [+acento] é sempre o que ocupa a posição mais à direita da palavra, conforme derivação representada abaixo:







A organização silábica de uma palavra (simples ou composta) em função do padrão acentual cria-se um padrão rítmico, Como podemos verificar em (141a-b) e (142a-b). O padrão rítmico de uma palavra não se altera mesmo com a incorporação de novos elementos na estrutura da palavra.

Como já dissemos, além da sílaba e do pé métrico, é possível constatar unidades maiores, envolvendo os fenômenos rítmicos e entonacionais diante de um enunciado. Contudo, neste estudo, não analisaremos unidades maiores, tais como frases e enunciados. Delimitamos nossa análise ao nível da palavra.

#### 5.4 Constituição de palavra fonológica

A palavra fonológica nas línguas do mundo nem sempre coincide com a palavra gramatical. Dixon e Aikhenvald (2002:13) definem palavra fonológica como: *“a phonological unit larger than the syllable which has at least one (and generally more than one) phonological defining property chosen from the following areas: segmental features, prosodic features and phonological rules”*.

Definiremos palavra fonológica na língua Sateré-Mawé seguindo duas das três propriedades sugeridas pelos autores; traços segmentais e traços prosódicos.

A língua possui como morfemas radicais, afixos e clíticos. A palavra fonológica pode ser formada pela composição de radical+afixos e pela

composição de radical+clítico, conforme exemplos abaixo.

(143)

a.	/saterē/ “Sateré”	+ /ria/ pl.	= /satereri' a/ “ todos os Sateré”
b.	/hirokāt/ ‘menino/	+ /ria/ pl.	= /hirokari' a/ ‘os meninos’
c.	/i-/ 3sg	+ /mēpāt/ ‘filho’	= /imē' pāt/ ‘filho dele’
d.	/ĩʔĩ/ ‘rio’	+ /pe/ ‘dentro’	= /ĩʔĩ' pe/ ‘dentro do rio’
e.	/hun/ ‘preto’	+ /takat/ ‘aquilo’	= /hun na' kat/ ‘aquilo preto’

#### 5.4.1 Traços segmentais:

Vimos que, na língua Sateré-Mawé, os tipos silábicos podem ser resumidos na fórmula básica (C)V(C). O tipo V não constitui palavra, já os tipos VC e CV, além de constituírem palavras isoladas, participam da formação de outras.

Assim como em outras línguas do tronco Tupi, como Kamaiurá (Seki, 2000:420), em que não existem palavras que iniciem com o tepe alveolar /r/, este segmento apenas pode ocorrer em posição medial e final. Seqüências de consoantes são separadas por limites de morfema. A *Coda* silábica, por sua vez, apresenta restrição: só pode ser ocupada por oclusivas e nasais. Seqüências de vogais, inclusive longas, podem ocorrer. Quando há limite de morfema com encontro vocálico, é comum a inserção de glotal, ocasionando um processo de laringalização dos segmentos adjacentes, como em [awiʔaʔĩat] ‘casa de abelha’. O alongamento da vogal em sílaba travada final tônica também caracteriza o limite de morfema. Tal processo de alongamento, contudo, é estritamente

Uma análise mais completa da constituição da palavra fonológica necessita de uma análise gramatical da língua que estabeleça os tipos de palavras gramaticais na língua. Nosso objetivo limita-se ao estudo fonológico da língua, incluindo alguns processos morfológicos relacionados à fonologia.

Neste capítulo, realizamos algumas considerações sobre o acento na língua Sateré-Mawé. Inicialmente consideramos sua ocorrência em palavras simples e compostas, tendo por base a abordagem fonêmica. Em seguida, apresentamos uma abordagem métrica de sua ocorrência na palavra. Assim, verificamos que, mesmo dentro da palavra, a sílaba à direita é sempre mais forte. Na parte em que tratamos da constituição da palavra fonológica, utilizamos os traços segmentais e prosódicos para sua definição.

O estudo do acento ainda não é conclusivo, falta ainda uma análise em que se considere unidades maiores tais como, sentenças e enunciados e também processos fonológicos na constituição da palavra fonológica para poder situar tipologicamente essa língua quanto ao seu padrão acentual e rítmico.

Passamos agora para as considerações finais desta dissertação.

## CONCLUSÃO

O estudo de uma língua é um processo contínuo de inter-relação entre os níveis de análise. A fonologia figura neste contexto como uma etapa inicial de análise lingüística que se relaciona a outros níveis gramaticais. É pensando neste processo que apresentamos o estudo fonológico da língua Sateré-Mawé, uma língua indígena da região do médio rio Amazonas, falada por aproximadamente 8.000 pessoas que habitam a Terra-indígena Andirá-Marau, na divisa dos Estados do Amazonas e do Pará.

A pesquisa teve a colaboração de um casal, Sr. José Nogueira Sateré e Dona Euci da Paz, que ajudaram como informantes nos trabalhos de coleta e transcrição dos dados durante viagem a campo no período de julho a agosto de 2003.

Com os dados lingüísticos transcritos, elaboramos um quadro fonético composto por 28 fones consonantais e 18 vocálicos. A análise fonêmica teve como princípios os critérios de contraste, distribuição e variação sugeridos nos modelos de análise de Pike (1947) e Kindell (1981). Estes princípios nos permitiram definir os fonemas /p, t, k, ʔ, m, n, ŋ, r, s, h, w, j/ como consoantes e os fonemas /i, ɪ, u, e, o, a, ī, ū, ē, ā, iː, ɪː, uː, eː, aː/ como vogais da língua Sateré-Mawé.

Tratamos os processos morfofonêmicos da língua de maneira preliminar. Muitos ainda precisam de uma análise mais acurada com coleta de dados específicos. Como ressaltamos no capítulo 3 (seção 3.4), os processos morfofonêmicos tratados neste trabalho dizem respeito aos que foram observados por nós no processo de análise dos dados para a descrição fonológica. Basicamente tratamos os processos de assimilação, enfraquecimento consonantal e dissimilação.

O estudo da estrutura silábica definiu os tipos V, CV, VC, CVC, que podem ser resumidos na fórmula básica (C)V(C), como padrões silábicos em

Sateré. Com os padrões definidos, tratamos os processos de silabificação, a ocorrência de seqüências de segmentos ambíguos em posição de *Ataque* e *Coda* e a quantidade silábica.

O processo de silabificação foi analisado de acordo com Kenstowicz (1994), quando atestamos que a língua aumenta seu inventário silábico atribuindo um elemento à posição de *Coda* ao padrão CV, considerado tipologicamente como universal.

As seqüências de segmentos ambíguos em posição de *Ataque* fazem referência às vogais alta anterior [i] e posterior [u]. Esses segmentos, quando em início de sílaba, devido à pressão estrutural da língua, convertem-se em consoantes aproximantes palatal [j] e bilabial [w], respectivamente. Já em posição final de sílaba, tais seqüências são analisadas como vogais [i] e [u], por dois motivos: primeiro porque a *Coda* apresenta restrição às consoantes (somente oclusivas e nasais), ao passo que admite qualquer vogal; e segundo, porque seqüências de vogais não-altas, tais como [ɛa] e [ɔɛ], são admitidas neste contexto.

A análise da quantidade silábica, baseada em Hayes (1995), ajudou-nos a definir que a palavra mínima em Sateré-Mawé tem, no mínimo, duas *moras* prosódicas, mesmo em palavras monossilábicas, tais como /en/ ‘tu/você’ e /ut/ ‘bicho’. Contudo, é importante considerar que nossa análise é preliminar e pretende servir como base para futuros estudos sobre a ocorrência de vogais longas na língua, tendo por base a teoria métrica sugerida em Hayes.

Quanto ao acento, optamos por tratá-lo numa abordagem fonêmica, quando concluímos que sua ocorrência é previsível na última sílaba de palavras simples e de palavras compostas, portanto, não sendo distintivo. Para descrevermos isso, empregamos a teoria métrica que consideramos ser a abordagem mais adequada para tratar da estrutura interna da sílaba nesse momento. Fizemos uma análise métrica preliminar do acento na palavra e concluímos que, mesmo dentro da sílaba o acento cai no segmento mais à direita. Chegamos à essa conclusão, ao analisarmos a ocorrência de vogais longas em sílabas não-acentuadas, tais como

/sa:ri/ ‘formiga’, /su:hu/ ‘fumo’ e /a:wi/ ‘agulha’. Por fim, ainda nesse capítulo, tratamos a constituição da palavra fonológica a partir de dois dos três traços sugeridos em Dixon & Aikhenvald (2003): traços segmentais e traços prosódicos.

Todos os processos que levam em conta outros níveis de análise gramatical foram tratados de forma preliminar. Isso ocorreu tendo em vista a delimitação do assunto e nosso objetivo neste trabalho. É claro que o estudo de uma língua é um processo contínuo de pesquisa, onde os níveis fonológico, morfológico e sintático se interligam, transformando a língua num sistema cuja função primordial é a comunicação.

Esperamos que este estudo represente uma contribuição ao conhecimento das línguas indígenas brasileiras e sirva de base para futuras análises sobre aspectos gramaticais da língua Sateré-Mawé. Evidentemente, muitas questões ficaram por ser resolvidas e outras pesquisas sobre a língua serão necessárias para o conhecimento de toda a riqueza lingüística que ela representa.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. & WETZELS, W. L. 1992. Sobre a estrutura da gramática fonológica. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v.23: Campinas: UNICAMP, p.5-18
- BETENDORF, J. 1910. *Chronicas da missão dos padres da Companhia de Jesus*, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 72: 697p., Rio de Janeiro
- BISOL, L. 1987. *Introdução a estudos da fonologia do português brasileiro*. RS, Porto Alegre: EDIPUC
- BRANDON, F. R. & GRAHAM A. & S. 1983. *Dicionário bilíngüe Sateré-português, português-Sateré*. Versão preliminar 2. Unpublished [A previous version dated 1982 was recently included by the Summer Institute of Linguistic, Brazil branch, in its xeroxed series *Arquivos Lingüísticos* under no. 224. Brasília: SIL.]
- BURQUEST, D. A. 1998. *Phonological Analysis, A functional approach*. TX: Summer Institute of Linguistics, Dallas.
- CAGLIARI, L. C. 2002. *Análise fonológica. Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras
- CÂNDIDO, G. V. 1998. *Aspectos Fonológicos da língua Shanenawá (Pano)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.
- CLEMENTS G. & HUME, E. V. 1995. The Internal Organization of Speech Sounds. GOLDSMITH, John. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell, p. 245-306.
- CLEMENTS G. & KEYSER, S. 1983. *CV Phonology: A Generative Theory of the Syllable*: MIT Press, Cambridge MA.
- COUDREAU, H. 1977. *Viagem ao Tapajós*. São Paulo/Belo Horizonte: Ed. da USP/Itatiaia. p. 147-50.
- DIETRICH, W. 1990. *More evidence for an internal classification of Tupi-*

- Guarani language.* (=Indiana, Supplement 12) Berlin: Gebr. Mann.
- DIXON R. M. W. & AIKHENVALD A. 2002. *Word. A cross-linguistic typology.* Cambridge: Cambridge University Press.
- FRANCESCHINI, D. C. 1999. *La langue Sateré-Mawé description et analyse morphosyntaxique. Tese de Doutorado.* Université Paris VII (Denis Diderot). Paris
- \_\_\_\_\_, D. C. 2001. As classes de nomes em Sateré-Mawé. In: II Congresso Internacional da ABRALIN, 2001, Fortaleza. Anais da ABRALIN (no prelo).
- \_\_\_\_\_, D. C. 2001. A voz inversa em Sateré-Mawé. In: I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho de Línguas Indígenas (GTLI) da ANPOLL, 2002, Belém- Pará. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Pará: Editora da Universidade Federal do Pará. v. I. p. 222-233.
- \_\_\_\_\_, D. C.; OPISM. *Satere-Mawe pusu etiat wemu'e hap* (livro de alfabetização). Brasília: MEC, 1997. v. 1. 93p.
- FREIRE, J. R. B. 2005. *A escola e os índios urbanos.* Diário do Amazonas. Manaus. 02 de janeiro de 2005.
- GLEASON, H. A. Jr. 1978. *Introdução à Lingüística Descritiva.* Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.
- GRAHAM, A. and S. & HARRISON, C. 1984. *Prefixos pessoais e numerais da língua Sateré-Mawé. Série Lingüística* 11, 175-206. Brasília: SIL
- GRAHAM, A. & S. 1978. *Assinalamento fonológico das unidades gramaticais em Sateré* (trad. Mabel Meader). *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. III – ano III: 219-231, Rio de Janeiro.
- GRAHAM, S. 1995. “*Sateré-Mawé pedagogical grammar*”. Summer Institute of Linguistics.
- GOLDSMITH, J. 1990. *Autosegmental and Metrical Phonology.* London: Basil Blackwell.
- \_\_\_\_\_. 1995. *The Handbook of Phonological Theory.* London: Basil Blackwell.



- GUSSENHOVEN, C. & JACOBS, H. 1998. *Understanding Phonology*. London: Arnold.
- HAYES, B. 1995. *Metrical Stress Theory (Principles and case Studies)*. Chicago: The University of Chicago Press.
- HOGG, R & McCULLY C. B. 1987. *Metrical phonology: A course-book*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOOPER, J. 1976. *An introduction to natural generative phonology*. Academic Press. Nova York.
- IPA. 1999. *Handbook of the International Phonetic Association*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KATAMBA, F. 1989. *An Introduction to Phonology*. Longman: London.
- KAUFMAN & BERLIN 1987. *South American indian language documentation project questionnaire*. University of Pittsburgh & University of Califórnia at Berkeley. Ms.
- KENSTOWICZ, M. 1994. *Phonology in Generative Grammar*. London. Blackwell, Oxford.
- KIBRIK, A. E. 1977. *The methodology of field investigations in Linguistic (Setting up the Problem)*. Mouton. The Hague, Paris.
- KINDELL, G. E. 1981. *Guia de análise fonológica*. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- KOCH-GRÜNBERG, T. 1924. Wörtelisten Tupy, Maué und Puruborá. *Journal de la Société des Américanistes*, 24.31-50. Paris.
- LADEFOGED, P. 1993. *A Course in Phonetics*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, Inc.
- LIBERMAN, M. & PRINCE, A. 1977. *On Stress and Linguistic Rhythm*. *Linguistic Inquiry* 8: Cambridge, Massachussetts, MIT Press, p. 249-336
- LORENZ, S. 1992. *Sateré-Mawé, os filhos do guaraná*, Coll. Projetos, São Paulo: Ed. Centro de Trabalho Indigenista (CTI).
- MANO, M. 1996. *Etno-história e adaptação Mawé: Uma contribuição para a etnografia Tupi da área Madeira-Tapajós*. Dissertação de Mestrado. São Paulo.USP.

- MONTE, N. L. 2000. Práticas e direitos: as línguas indígenas no Brasil. QUEIXALÓS, F. & RENAULT-LESCURE, O. (orgs). *As línguas amazônicas hoje*. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA)/IRD/MPEG, 183-192.
- MUSEU NACIONAL - O Setor Lingüístico do Museu Nacional (Organização e Objetivos). 1965. *Publicações Avulsas*. Rio de Janeiro, RJ.
- NIMUENDAJÚ, C. 1929. Zur Sprache der Maué-Indianer. *Journal de la Société des Américanistes* 22. 131-140.
- \_\_\_\_\_. 1963. The Mawé and Arapiun, *Handbook of South American Indians*, vol. III: 245-254, Cooper Square publishers, N.Y.
- NUNES PEREIRA, 1967. *Moronguetá. Um Decameron Indígena*. Vol. I e II: Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. 2003. *Os Índios Maués*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas
- OPISM, Organização dos Professores Sateré Mawé(Org.); FRANCESCHINI, Dulce do Carmo(Org.). 1998. *Satere-Mawe mowe'eg hap* (livro de leitura). Manaus: SEDUC/IER-AM, v. 1. 95p.
- OPISM, Organização dos Professores Sateré Mawé(Org.); FRANCESCHINI, Dulce do Carmo(Org.).2000. *Wantym sa'awy etiat* (Literatura sateré-mawé). Brasília: MEC, v. 1. 19p.
- \_\_\_\_\_.2000. *Warana sa'awy etiat* (Literatura Sateré-Mawé). Brasília: MEC, v. 1. 22p.
- PAYNE, T. E. 1997. *Describing morphosyntax. A guide for field linguistic*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PIKE, K. 1943. *Phonetics*. Michigan, University of Michigan Press.
- \_\_\_\_\_.1947. *Phonemics: a Technique for Reducing Language to Writting*. Ann Arbor, University of Michigan Press.
- RODRIGUES, A. D. 1958a. *Die Klassifikation des Tupi-Sprachstammes*. Proceedings of the Thirty-second International Congress of Americanists, Copenhagen 8-14 August 1956, pp 679-684. Copenhagen: Munsgaard. (tradução: Classificação do tronco lingüístico tupi. 12:99-104.1964).
- \_\_\_\_\_. 1958b. Classification of Tupi-Guarani. *International Journal*

- of *American Linguistic*, Indiana University, Vol 24: 231-234, Los Angeles, California.
- \_\_\_\_\_. 1984/85. *Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani*, Revista Antropológica, USP, vol. 27/28: 33-53, São Paulo.
- RODRIGUES, A. D. 1986. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- RODRIGUES, A. D. & DIETRICH, W. 1997. On the linguistic relationship between mawé and tupi-guarani, *Diachronica*, XIV: 2. 265-304, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam.
- ROMANO, J. R. 1982. *Índios proletários em Manaus: o caso dos Sateré-Mawé citadinos*. Dissertação de Mestrado. UNB, Brasília.
- SAMARIN, W. J. 1967. *FIELD LINGUISTICS A guide to linguistic field work*, Hold, Rinechart and Winston. New York.
- SATERÉ, A. M. 1998. *Wemahara Hap Ko'i*. SATERÉ, Aristides Michiles...[et all]. (Org.) OLIVEIRA, Clóvis Fernando Palmeira. Manaus: SEDUC/IER-AM.
- SEKI, L. 2000. *Gramática do Kamaiurá. Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial.
- SILVA, R. G. P. 2004. *Aspectos fonológicos da língua Sateré-Mawé*. Programação e Resumos do 52º Seminário do GEL. Campinas: UNICAMP p.53.
- SILVA, T. C. 2001. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 4ª ed.. São Paulo: Contexto.
- SPANGHERO FERREIRA, V. R. 2000. *Língua Matis (Pano): Uma análise fonológica*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.
- SPENCER, A. 1996. *Phonology*. Blackwell, Oxford.
- SUZUKI, M. S. 1997. *Ou isto ou Aquilo? um estudo sobre o sistema dêitico da língua sateré-mawé*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Rondônia.
- UGGÉ, H. 1986. *1ª Cartilha Sateré-Maué*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, SEDUC/NTR.
- \_\_\_\_\_. 1991. *Mitologia Satere-Maue*. Ecuador: Ed. Abya-Yala

\_\_\_\_\_. S/data. *As Bonitas Histórias Sateré-Maué*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, SEDUC

WETZELS, L. (org).1995. *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ.

## APÊNDICE I

## VOCABULÁRIO SATERÉ-MAWÉ

Apresentamos neste apêndice uma lista de itens lexicais da língua Sateré-Mawé que tem por objetivo fornecer uma contribuição aos estudos histórico-comparativos das línguas indígenas, especialmente as línguas do tronco Tupi.

A lista apresenta-se de forma preliminar baseada nos 200 itens do léxico de Swadesh e em outros formulários, como o do Museu Nacional. A forma de apresentação é através de entradas bilíngües Sateré-Mawé-Português e Português-Sateré-Mawé, sendo organizada em ordem alfabética com a transcrição fonológica e tradução dos itens.

### SATERÉ-MAWÉ-PORTUGUÊS

a:hu	doença
a:tîpî	céu
a:wi	agulha
ahu	nosso
ahut	papagaio
ajûpe	onde?
akuara	taboca
akuri	cotia
amîap	banco
amûkiusu	algodão
anakup	sol
anehu	calango
anî	rede
ape?i	barata
apukuita	remo
aria	fogo
aria?îp	pau, madeira
aria?îp hup	pau-brasil

ariukere	bicho-preguiça
aseʔi	velho
awiato	onça
awaiʔa	cará
aware	cachorro
awati	milho
awiʔa	abelha
eipe	vocês
en	tu/você
haʔāĩ	semente
h-āĩn	dente dele
haitĩ	corda
hakiʔi	morcego
hakup	quente
hamiʔĩ	sauim
hanuʔan	macaco
hanun	arara
hap	pena (de pássaro)
hapo	raiz
hariporia	mulher, menina
hat	fruta
hawiu	sujo
heʔaito	marido
heĩŋuŋ	azedo
h-ēku	língua dele
hewĩrĩ	andar
h-ewapi	rosto dele
hirokāt	criança
hit	pequeno
homoperup	insultar
h-u	sangue dele
hu : wi	gavião
hun	preto
hun mĩʔa	barriga
hupiʔa	ovo
hurure	trovão
huwaipo	rabo
hi	caldo

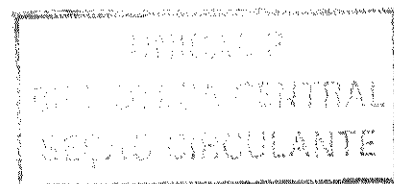
hĩtʔĩpkaŋ	pescoço
hĩtʔi	beija-flor
iŋaŋ	seco
i-ʔahape	orelha dele
iʔahu	febre
i-ʔãpĩ	nariz dele
iʔapohup	amarelo
iʔapuk	molhado
i-ʔup	coxa dele
jaʔaman	chuva
jaʔape	casca
iaʔape	costas dele
iaʔatuk kahato	muito
iaʔut	chifre
iʔãnam	capim
i-akaŋ	cabeça dele
iasĩm	picar
i-asap	cabelo dele
ihĩrĩp	verde
i-ha	olho dele
i-haĩ	voz dele
iharĩʔi	esposa
ihainia	homem
ihainia hit	menino
ihairu	dançar
ihania	alguns
ihoiro	ralhar
ihotʔok	dia
ihup	vermelho
ikĩtsin	branco
i-kaŋ	osso dele
i-kaŋ	perna dele
ikahu kahato	bonito
ikuʔuro	morrer
i-meʔen	tripa dele
i-mēpit	filho dele



i-nî t	irmã dele
inakuat?i	mau
i-pî? a	fígado dele
i-pî akan	joelho dele
ipîp takat	podre
ipî riko?i	prisioneiro
ipa?ãu	alma
ipakup	novo
i-pe	pele dele
ipe : ka	pato
i-pekpo	asa dele
i-piop	pus dele
i-pit	corpo dele
i-po	mão dele
ipohî t	flor
i-pokpe	pé dele
i-posesê	mão direita
ipotî i	pesado
i-poti? a	peito dele
ipotpap	trabalhar
i-pu?i	carne dele
i-puk	inchado
ira?ak	gelo
irania ãn	outro
isîm in	fino
i-tî	mãe dele
it?ipîpe irakat	estreito
it?iwop irakat	curto
itîm	liso
itirik	coceira
i-uwot	pai dele
iwato rakat	grosso
i-we	boca dele
i-we?ã	coração dele
jakare	jacaré
jãpe	chocalho
juŋ	fezes
jum	lá

juop  
 kîha  
 kîse  
 kîwa  
 kamūti  
 karawot  
 katpote  
 kotkot?e  
 kuia  
 kuia kît?i  
 kuiru?a  
 kuitu?e  
 kuriŋ  
 mîjēim  
 mîjun  
 mînsim  
 mîp  
 makuptia  
 man  
 manã  
 mani  
 mâte:ru  
 mehî  
 mejēpe  
 mejūpe  
 merep?e  
 merepmerep?e  
 metap  
 mi?i  
 mi?iria  
 mi?u  
 miasusa  
 miat  
 mihi  
 mit  
 mohoro  
 moi  
 moreawat

folha  
 babaçu  
 faca  
 pente  
 pote  
 cigarra  
 porque  
 ferver  
 cuia  
 bacia  
 jamaru  
 saliva  
 pouco  
 três  
 jacu  
 mamar no peito  
 forno  
 moça  
 beiju  
 senhora  
 mandioca  
 vagalume  
 parente  
 aí (Adv. de lugar)  
 aqui  
 vento  
 relâmpago  
 casa  
 ele/ela  
 eles/elas  
 comida  
 calcanhar  
 caça  
 ferida  
 gente  
 tipiti  
 cobra  
 arco



mori?a	flecha
morepe?i	borboleta
mot?i	ano
mu?ap	caminho
mu?ujã	dedo
muhaŋ	remédio
mujãpia	anel
mukureru	caracol
mukut	embuá
muse	pimenta
musĩ	quati
na?ak	frio
nana	abacaxi
nop	amargo
nup	pedra
nupi?a	cupim
ŋa?apĩ	mato
ŋap	caba
ŋĩp	piolho
ŋũkan	tucano
ŋun	pulga
oike	braço
pĩa	longe
piahiŋ	perto
pĩrĩk	rato
paĩ	paca
paĩ wato	capivara
paini	pajé
panene	peneira
pinan	anzol
pira	peixe
pira awahat	zagaia
po?oŋ	pouco
pohiaŋ	camarão
pu:wi	inajá
purure	enxada
sĩ?ĩt	pássaro pequeno

sĩ?at	fome
sa:ri	formiga
sahu	tatu
samã	pica-pau
sapot	escorpião
sokpe	roupa
su:hu	fumo
su:p	aqui mesmo
suanã	camaleão
suki	cesto
sup	esperma
supe	aquilo
tĩ:pi	dois
ta?akasa	ver
ta?am	subir
ta?at	cair
takuara	lança
te?eremahara	brincar
te:nup	alimentar
tere?u?u	beber
teremi?ukat	caçar
tipuru	emprestar
tipuruk	apanhar
to?e	dizer
to?i	vamos
tohekatu?u	morder
tohoŋ	engolir
tojauka	matar
toikuap	entender
toimoherep	mostrar
toimorania	contar
toipuēti	pensar
toitok	cantar
toket	dormir
torania	todos
totapan	colocar
totek	cortar
totum	dar

tuʔisa	chefe
tuʔu	comer
tupe	tipo de cesto
tuwak	chorar
u : ʔi	farinha
u : wi	verme
uito	eu
ukɪt	sal
ukuruʔa	mutum
womoŋmoŋhat	médico
uriuru	batata
urukut	coruja
urukut wato	corujão
uruto	nós
waʔã	panela
waʔasa	sapo
wa : tɪ	lua
wahi	colar
waikiru	estrela
waipaka	galinha
waku	bom
warana	guaraná
wasapi	açaí
wasapiʔiʔip	açaizeiro
wãtɪm	noite/escuro
wãtiʔũ	carapanã
wato	grande
wawori	jaboti
wētup	um
wehi	urinar
weita	pássaro
wēkiʔa	saúva
wēkuʔa	pilão
wemōti	vergonha
wewato	anta
win hit	mosca
ɪ ʔ ɪ	água, rio

ĩ:ĩ	terra
ĩara	canoa
ĩhiŋ	fumaça
ĩikĩt	areia
ĩrĩpo	cipó
ĩt	não (partícula negativa)
ĩwĩhap	machado
ĩwĩhiŋ	nuvem
ĩwĩtu	vento

---

PORTUGUÊS – SATERÉ-MAWÉ

---

abacaxi	nana
abelha	awi?a
açaí	wasafi
açaizeiro	wasafi?ip
água, rio	i?i
agulha	a:wi
aí (Adv. de lugar)	mejêpe
algodão	amũkiusu
alguns	ihania
alimentar	te:nup
alma	ipa?ãu
amarelo	i?apohup
amargo	nop
andar	hewi?i
anel	mujãpia
ano	mot?i
anta	wewato
anzol	pinan
apanhar	tipuruk
aqui	mejũpe
aqui mesmo	su:p
aquilo	supe
arara	hanun
arco	moreawat
areia	ikit
asa dele	i-pekpo
azedo	heĩŋuŋ
babaçu	kiha
bacia	kuia kit?i
banco	amiap
barata	ape?i
barriga	hun mi?a
batata	uriuru
beber	tere?u?u
beija-flor	hit?i

beiju	man
bicho-preguiça	ariukere
boca dele	i-we
bom	waku
bonito	ikahu kahato
borboleta	morope?i
braço	oike
branco	ikitsin
brincar	te?eremahara
caba	ŋap
cabeça dele	i-akaŋ
cabelo dele	i-asap
caça	miat
caçar	teremi?ukat
cachorro	aware
cair	ta?at
calango	anehu
calcanhar	miasusa
caldo	hi
camaleão	suanã
camarão	pohiaŋ
caminho	mu?ap
canoa	iaara
cantar	toitok
capim	i?anam
capivara	pai wato
cará	awai?a
caracol	mukureru
carapanã	wāti?ū
carne dele	i-pu?i
casa	metap
casca	ja?ape
cesto	suki
céu	a:ti?i
chefe	tu?isa
chifre	ia?ut
chocalho	jāpe
chorar	tuwak



chuva	jaʔaman
cigarra	karawot
cipó	ĩrĩpo
cobra	moi
coceira	itirik
colar	wahi
colocar	totapan
comer	tuʔu
comida	miʔu
contar	toimorania
coração dele	i-weʔã
corda	haitĩ
corpo dele	i-pit
cortar	totek
coruja	urukut
corujão	urukut wato
costas dele	i-aʔape
cotia	akuri
coxa dele	i-ʔup
criança	hirokat
cuia	kuia
cupim	nupiʔa
curto	itʔiwop irakat
dançar	ihairu
dar	totum
dedo	muʔujã
dente dele	h-ãĩn
dia	ihotʔok
dizer	toʔe
doença	a:hu
dois	tĩ:pi
dormir	toket
ele/ela	miʔi
eles/elas	miʔiria
embuá	mukut
emprestar	tipuru
engolir	tohon

entender	toikuap
enxada	purure
escorpião	sapot
esperma	sup
esposa	iharĩ?i
estreito	it?ipipe irakat
estrela	waikiru
eu	uito
faca	kĩse
farinha	u: ?i
febre	i?ahu
ferida	mihi
ferver	kotkot?e
fezes	juŋ
figado dele	i-pĩ?a
fino	isĩm in
flecha	mori?a
flor	ipohĩt
fogo	aria
folha	juop
fome	sĩ?at
formiga	sa: ri
forno	mĩp
frio	na?ak
fruta	hat
fumaça	ĩhiŋ
fumo	su: hu
galinha	waipaka
gavião	hu: wi
gelo	ira?ak
gente	mit
grande	wato
grosso	iwato rakat
guaraná	warana
homem	ihainia
inajá	pu: wi
inchado	i-puk

insultar	homoperup
irmã dele	i-nî t
jaboti	waworî
jacaré	jakare
jacu	mî jun
jamaru	kui ru? a
joelho dele	i-pî akaŋ
lá	jum
lança	takuara
língua dele	h-ê ku
liso	itî m
longe	pî a rakat
lua	wa : tî
macaco	hanu? an
machado	î wî hap
mãe dele	i-tî
mamar no peito	mî nsî m
mandioca	mani
mão dele	i-po
mão direita	i-posese
marido	he? aito
matar	tojauka
mato	ŋa? apî
mau	inakuat? i
médico	womonŋ monhat
menino	ihainia hit
filho dele	i-mê pî t
milho	awati
moça	makuptia
molhado	i? apuk takat
morcego	haki? i
morder	tohekatu? u
morrer	iku? uro
mosca	wî n hit
mostrar	toimohe rep
muito	ia? atuk kahato

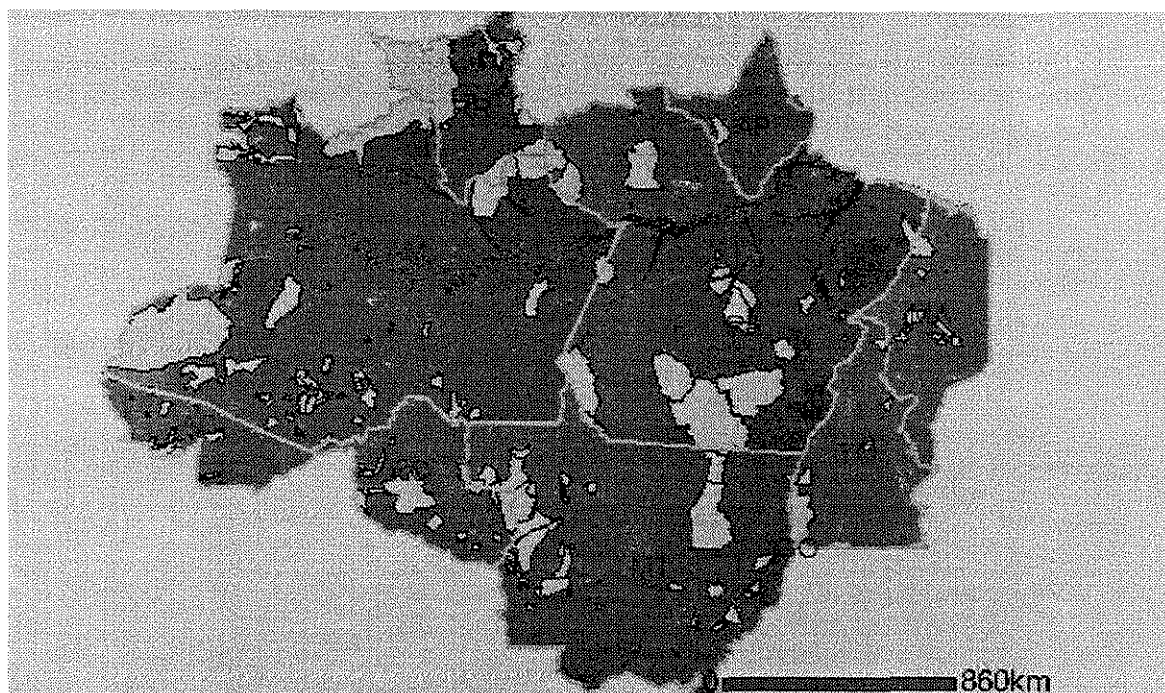
mulher, menina	hariporia
mutum	ukuruʔa
não (partícula negativa)	ɪt
nariz dele	i-ʔãpɪ
noite/escuro	wãtɪm
nós	uruto
nosso	ahu
novo	ipakup
nuvem	ɪwɪhiŋ
olho dele	i-ha
onça	awiato
onde?	ajũpe
orelha dele	i-ʔahape
osso dele	i-kaŋ
outro	irania ĩn
ovo	hupiʔa
paca	paɪ
pai dele	i-uwot
pajé	paini
panela	waʔã
papagaio	ahut
parente	mehĩ
pássaro	weita
pássaro pequeno	sɪʔɪt
pato	ipe:ka
pau	ariaʔɪp
pau-brasil	ariaʔɪp hup
pé dele	i-pokpe
pedra	nup
peito dele	i-potiʔa
peixe	pira
pele dele	i-pe
pena (de pássaro)	hap
peneira	panene
pensar	toipuēti
pente	kɪwa
pequeno	hit
perna dele	i-kaŋ

perto	pĩahiŋ
pesado	ipotĩi
pescoço	hitʔipkaŋ
pica-pau	samã
picar	iasĩm
pilão	wēkuʔa
pimenta	muse
piolho	ŋĩp
podre	ipĩp takat
porque	katpote
pote	kamūti
pouco	kurĩŋ
pouco	poʔoŋ
preto	hun
prisioneiro	ipĩrikoʔi
pulga	ŋun
pus dele	i-piop
quati	musĩ
quente	hakup
rabo	huwaipo
raiz	hapo
ralhar	ihoiro
rato	pĩrik
rede	anĩ
relâmpago	merɛp merɛpʔe
remédio	muhaŋ
remo	apukuita
rosto dele	h-ewapi
roupa	sokpe
sal	ukĩt
saliva	kuituʔe
sangue dele	h-u
sapo	waʔasa
sauim	hamiʔĩ
saúva	wēkiʔa
seco	iŋaŋ
semente	haʔãĩ
senhora	manã

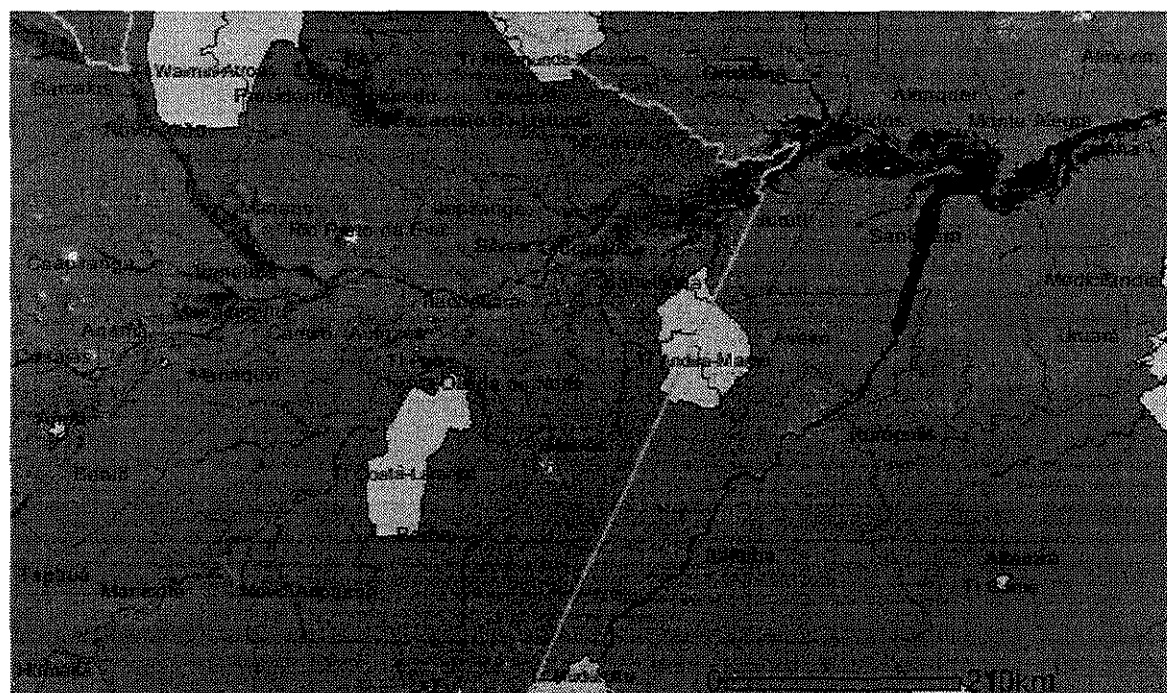
sol	anakup
subir	taʔam
sujo	hawiu
taboca	akuara
tatu	sahu
terra	ɪ:ɪ
tipiti	mohoro
tipo de cesto	tupe
todos	torania
trabalhar	ipotpap
três	mɪjẽɪm
tripa dele	i-meʔen
trovão	hurure
tu/você	en
tucano	ŋũkan
um	wẽtup
urinar	wehi
vagalume	mãte:ru
vamos	toʔi
velho	aseʔi
vento	merepʔe
vento	ɪwɪtu
ver	taʔakasa
verde	ihɪrɪp
vergonha	wemõti
verme	u:wi
vermelho	ihup
vocês	eipe
voz dele	i-haɪ
zagaia	pira awahat

---

## APÊNDICE II



Terra-indígenas  
 Limite territorial







Quadro com a distribuição populacional no rio Andirá/AM<sup>19</sup>

	Área Indígena Andirá	População
01	Guaranatuba.....	92
02	Ponta Alegre.....	379
03	Vila Miquiles.....	106
04	Nova União.....	39
05	Boa Fé.....	73
06	Proteção Divina.....	34
07	Araticum Novo.....	183
08	Castanhal.....	170
09	Boa Visita.....	56
10	Nova Sateré.....	62
11	Fé em Deus.....	84
12	Molongotuba.....	255
13	Bem Te Vi.....	32
14	Bom Jesus do Arumatuba.....	15
15	Vila Tabatinga.....	23
16	Vila Miriti.....	20
17	Nova Vida.....	29
18	Boa Vista.....	12
19	Prosperidade.....	13
20	Simão I.....	306
21	Simão II.....	25
22	São José Novo.....	42
23	Umirituba.....	144
24	Nova América.....	122
25	São Gabriel.....	10

<sup>19</sup> Dados fornecidos pela FUNASA através do Distrito Sanitário Especial Indígena de Parintins – DSEI/Parintins. Para maiores informações consultar o site [www.funasa.gov.br](http://www.funasa.gov.br) ou ainda [www.indaspi.com.br](http://www.indaspi.com.br)

	Área Indígena Andirá	População
26	E.A.S.P.....	Não inform.
27	Limoal.....	18
28	São Luiz.....	22
29	Ponta Alta.....	10
30	Ypiranga.....	19
31	Jatuatuba I.....	14
32	Jatuatuba.....	34
33	São João.....	14
34	Vista Alegre.....	58
35	Kukuí.....	54
36	Santa Cruz.....	103
37	Campos.....	44
38	São Sebastião.....	16
39	Vila Nova.....	309
40	Fortaleza.....	134
41	Torrado.....	54
42	São Marcos.....	18
43	Marapatá.....	68
44	São Raimundo.....	93
45	Kuruatuba.....	142
46	Santo Antônio.....	34
47	Terra Preta.....	112
48	Bom Jardim.....	78
49	Conceição.....	129
50	Livramento.....	29
51	Cajual.....	54
	TOTAL.....	3981